UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

RODRIGO EVARISTO PRESTES

UM “TEMPLO DA CIVILIZAÇÃO” NO “CORAÇÃO DO PARANÁ”: O GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE GUARAPUAVA (1912-1942) VISTO A PARTIR DA IMPRENSA.

GUARAPUAVA
2016

RODRIGO EVARISTO PRESTES

UM “TEMPLO DA CIVILIZAÇÃO” NO “CORAÇÃO DO PARANÁ”: O GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE GUARAPUAVA (1912-1942) VISTO A PARTIR DA IMPRENSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual do Centro Oeste, UNICENTRO para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação.

Linha de pesquisa: Políticas Educacionais, História e Organização da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Herold Júnior.

Co-Orientador: Prof. Dr. Paulo de Nóbrega.

GUARAPUAVA

2016

Catalogação na Publicação

Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

P936t

Prestes, Rodrigo Evaristo

Um "templo da civilização" no "coração do Paraná": o grupo escolar Visconde de Guarapuava (1912-1942) visto a partir da imprensa / Rodrigo Evaristo Prestes. – – Guarapuava, 2016

xiii, 86 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação (Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, História e Organização da Educação), 2016

Orientador: Carlos Herold Júnior

Coorientador: Paulo de Nóbrega

Banca examinadora: Carlos Herold Júnior, Analete Regina Schelbauer, Ademir Nunes Gonçalves

Bibliografia

1. Educação. 2. Grupos escolares. 3. Guarapuava. 4. Republicanismo. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Educação.

CDD 370.98162

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, em especial ao meu falecido pai Luiz Carlos Prestes ao qual presto a minha mais sincera e singela homenagem...

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. Obrigado aos meus irmãos Renato Luiz Prestes, Roberto Carlos Prestes e, principalmente, Luiz Alberto Ribas Prestes. Na pessoa da professora Carla Vestena, sou muito grato ao PPGE da Unicentro pela oportunidade. Um agradecimento especial à professora Terezinha Saldanha e a toda equipe do CEDOC (Centro de Documentação da Unicentro). Não posso deixar de expressar minha gratidão a Vera Regina Pacheco Dos Santos, Agente Educacional do Colégio Estadual Visconde de Guarapuava, além dos meus caros amigos Carlos Alberto Machado e Vanessa Caster. E por fim, um agradecimento especial aos meus professores (e amigos) Paulo de Nóbrega e Ademir Nunes Gonçalves, bem como a professora Analete Schelbauer pelas contribuições a essa pesquisa, e agradeço principalmente meu orientador, professor Carlos Herold Júnior pelo imprescindível suporte nessa jornada.

“[...] o conhecimento que cabe a historiografia educacional produzir, consiste em reproduzir, por meio das ferramentas conceituais (categorias) apropriadas, as relações reais que caracterizam a educação como um fenômeno concreto, isto é, com uma “rica totalidade de relações e determinações numerosas”.

Dermeval Saviani

SUMÁRIO

Introdução- .....**pg. 01**

Capítulo 1 – Das Escolas Isoladas Imperiais aos Grupos Escolares Republicanos – Contexto Sócio Educacional.....**pg.06**

1.1 - A Educação na transição da Monarquia a República - O Novo Ideal Republicano e os Grupos Escolares.....**pg. 06**

1.2 - Os Grupos Escolares no Paraná Republicano.....**pg. 15**

Capítulo 2 – Guarapuava - História e Educação.....**pg. 24**

2.1- Guarapuava: Do Império ao Início da Era Republicana.....**pg. 24**

2.2 - A Instrução Pública em Guarapuava.....**pg. 31**

Capítulo 3 – Diferentes Olhares ao Grupo Escolar em Guarapuava.....**pg. 35**

3.1 - Grupo Escolar Visconde de Guarapuava – Fundação e História.....**pg. 35**

3.2 - A Educação e o Grupo Escolar em Guarapuava – Elogios e Críticas da Imprensa Local.....**pg. 53**

Considerações Finais.....**pg. 77**

Referências Bibliográficas.....**pg. 79**

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1: “Grupo Escolar Vicente Machado”.....**pg. 20**

FIGURA 1.2: “Grupo Escolar Jesuíno Marcondes”.....**pg. 22**

FIGURA 3.1:“Planta de Grupo Escolar”…….....**pg. 37**

FIGURA 3.2: “Grupo Escolar de Guarapuava”…..……..**pg. 40**

FIGURA 3.3: “Grupo Escolar Visconde de Guarapuava”.....**pg. 51**

FIGURA 3.4: “Planta original do GEVG”.....**pg. 51**

FIGURA 3.5: “Foto de O Pharol de 04/031923”.....**pg. 60**

FIGURA 3.6: “Foto do Jornal A Cidade de 20/01/1935”.....**pg. 66**

FIGURA 3.7: “Foto da Folha do Oeste de 29/12/1935”.....**pg. 70**

LISTA DE ABREVIAÇÕES

GEVG - Grupo Escolar Visconde de Guarapuava

CEVG - Colégio Estadual Visconde de Guarapuava

RESUMO

PRESTES, Rodrigo Evaristo. UM “TEMPLO DA CIVILIZAÇÃO” NO “CORAÇÃO DO PARANÁ”: O GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE GUARAPUAVA (1912-1942) VISTO A PARTIR DA IMPRENSA**,** 2016. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, 2016.

Esta dissertação fez uma análise bibliográfica e documental da história do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava entre 1912 e 1942. Partindo de um estudo contextualizatório, iniciando do mais amplo para o mais específico, retomamos a literatura educacional do advento dos Grupos Escolares no Brasil. Estudamos o que eram essas instituições e como elas se consolidaram como o principal instrumento estatal de educação pública no cenário urbano brasileiro. Usando o método dialético de análise, pesquisamos o que representou o surgimento dessas instituições no Paraná no início do século XX, e toda a simbologia republicana inserida no contexto educacional. Em Guarapuava, em face ao lento desenvolvimento social e econômico da cidade no século XIX, a educação pública foi caracterizada pela falta de estímulo social e estatal. Essa precariedade passou a ser remediada pelo governo com a fundação Grupo Escolar em 1912, com a reunião das 5 Escolas Isoladas na área urbana de Guarapuava. Depois de ser batizado como Grupo Escolar Visconde de Guarapuava em 1920, a instituição, em teoria, tornou-se reconhecida como um "templo da civilização" no "coração do Paraná", a instituição aglutinadora primaz na educação das crianças, dos "guarapuavaninhos". O Republicanismo, a Educação Moral e Cívica, o respeito, a disciplina, o patriotismo, entre outros, eram os valores norteadores propagados no Grupo Escolar, por meio de práticas pedagógicas "doutrinadoras", muito elogiadas e difundidas pelos jornais locais. Contudo, na prática, vimos que a administração do Grupo Escolar, por vezes, pecava na organização pedagógica e na manutenção do prédio, tornando-se essas as principais razões para críticas feitas por especialistas e autoridades.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos Escolares, Guarapuava, Republicanismo.

ABSTRACT

PRESTES, Rodrigo Evaristo. A "TEMPLE OF CIVILIZATION" IN THE "PARANÁ´S HEART": THE SCHOOL GROUP VISCONDE DE GUARAPUAVA (1912-1942) CONSIDERED FROM NEWSPAPERS., 2016. Thesis of Marter's Degree in Education – Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, 2016.

This thesis is a bibliographical and documentary analysis of the history of the School Group Visconde de Guarapuava between 1912 and 1942. Starting from the wider to the more specific contextualization, we return to the educational literature which studies the advent of School Groups in Brazil. We study what were those institutions and how they have been consolidated as the main tool of State Public Education in urban landscapes. Using the dialectical method of analysis, we researched what represented the emergence of these institutions in Paraná in the early twentieth century within the whole Republican symbology in which they were inserted in the educational context. In Guarapuava, in the face of slow social and economic development of the city in the nineteenth century, public education was characterized by the lack of State and social stimulus. This precariousness was thought to be remedied by the government from the School Group Foundation in 1912 with the meeting of 5 isolated schools in the urban area of Guarapuava. After being named as School Group Visconde de Guarapuava only in 1920, the institution, in theory, became recognized as "civilization temple" in the "heart of Parana", unifying institutions of primary in the education of children, the "guarapuavaninhos". The Republicanism, Moral and Civic Education, respect, discipline, patriotism, among others, were guiding values proclaimed in the School Group through pedagogical practices of "indoctrination", highly praised and publicized by local newspapers. However, in practice we saw that the administration of the School Group, sometimes, undersaw the pedagogical organization and maintenance of the building, which became one of the main reasons for criticisms levelled from experts and authorities.

KEYWORDS: School Groups, Guarapuava, Republicanism.

INTRODUÇÃO:

As pesquisas em História da Educação incorporaram uma grande quantidade de objetos, metodologias e fontes. Essa incorporação teve como resultado um aumento quantitativo e qualitativo nas pesquisas dessa importante especialidade da educação (Nunes e Carvalho, 1993). Entretanto, esse movimento mais amplo, observado no campo educacional, até o momento, não significou olhares mais detidos sobre a história da educação paranaense, em especial a que ocorreu em Guarapuava no início do século XX e que teve no Grupo Escolar Visconde de Guarapuava uma das principais instituições públicas de ensino. Herold Junior (2007) chamou atenção para isso, e tem apontado, desde então, a necessidade de pesquisas para preencher essa lacuna:

> [...] sobre a produção historiográfica existente sobre a educação de Guarapuava, observamos que, se um bom ponto de partida é passível de ser constatado, as lacunas sobre esse objeto existem, ensejando a necessidade de esforços que sejam feitos no sentido de definir linhas de pesquisa para aprofundamento dos estudos (HEROLD, p. 208, 2007).

Esta Dissertação de Mestrado soma-se a esses esforços, objetivando analisar, sócio-historicamente, as diferentes expectativas educacionais e políticas da sociedade guarapuavana em torno do GEVG no início do século XX; nesse que foi o quarto Grupo Escolar construído no Estado, portanto, uma das mais antigas e tradicionais instituições de ensino de todo o Paraná.

O Grupo Escolar Visconde de Guarapuava foi um dos principais e maiores órgãos públicos da cidade. Fundado em 1912 e identificado como Grupo Escolar n.4, essa instituição de ensino conheceu várias denominações no decorrer da história até completar seu primeiro centenário em 2012 chamando-se Colégio Estadual Visconde de Guarapuava (PARANÁ, 2012). A história da educação paranaense, em especial a de Guarapuava, tem nessa instituição um lugar privilegiado, impondo-se como objeto de pesquisa relevante pela sua tradição centenária e pioneirismo no sistema educacional guarapuavano e paranaense. O objeto da pesquisa, portanto, é problematizar a relevância do GEVG na formação sócio histórica do município, e como ele era visto, elogiado e criticado pela sociedade, especialmente aos olhos dos jornais.

Fundados no primeiro período da República, os Grupos Escolares constituíam-se no que de mais moderno o Estado buscava oferecer para a população como educação gratuita, pública e estatal. Segundo Saviani (2004), na maioria dos Estados, os Grupos Escolares foram criados após os anos de 1920, porém, com raríssimas exceções, a expectativa que cercava a sua criação se concretizava. Os primeiros Grupos do Brasil foram criados no estado de São Paulo a partir 1891. Eles surgiram com uma proposta de reunião de Escolas Isoladas agrupadas segundo a proximidade entre elas. Em praticamente todas as vilas e cidades do país, existiam escolas primárias SAVIANI (2004). Saviani (2004) nos aponta que esse processo de escolarização primária no Brasil iniciou-se ainda no Século XIX, com o Decreto Imperial de 1827 do Imperador Dom Pedro I que criou as primeiras Escolas Isoladas de Primeiras Letras, determinando que as províncias construíssem uma escola em cada vila ou localidade do território nacional em que houvesse aglomerados urbanos.

Os Grupos Escolares reuniam como principais características a ordem, a disciplina, a preocupação com a higiene e o patriotismo por meio da implantação da educação “popular”. Conforme Nascimento (2004), no Paraná, Vicente Machado e Xavier da Silva, líderes republicanos, realizaram essa plataforma educacional que se espalhava pelo país, com os primeiros Grupos Escolares do Estado: Xavier da Silva (1903 – Curitiba); Grupo Escolar Dr. Vicente Machado (1904 – Castro); Grupo Escolar Jesuíno Marcondes (1907 – Palmeira) e finalmente o Grupo Escolar Visconde de Guarapuava (1912 – Guarapuava). No início do século XX, os novos ideais republicanos e desenvolvimentistas abraçavam o progresso econômico e social como possíveis somente se eles passassem pela educação.

Essas novas demandas sociais de trabalho e produção advindas do progresso e do capitalismo, das rotas de comércio, das construções e da urbanização trouxeram à tona a necessidade da sociedade guarapuavana estar preparada para buscar o tão almejado progresso. Veremos que também no interior do Estado, tornou-se corrente a seguinte visão: as pessoas deveriam ocupar seus lugares na sociedade e no mercado de trabalho, alcançando isso por meio da instrução primária. Segundo Nascimento:

> [...] Esta “nova” ordem social que surgia com a República, despontou juntamente com a expansão da industrialização, passando a exigir o ensino de primeiras letras para os trabalhadores das indústrias que se instalavam. (NASCIMENTO, 2004, p. 75)

Nessa perspectiva, os republicanos paranaenses liderados por Xavier da Silva construíram na cidade de Guarapuava em 1912 o quarto Grupo Escolar do Estadio, no intuito de levar a “civlização” para o “coração do Paraná”. Aqui, estudar-se-á toda essa problemática por meio da pluralidade de fontes e interpretações históricas, pois, a história deve ser entendida como estudo dos processos com os quais se constrói um sentido para os fatos:

> A História tem hoje, mais consciência do que nunca da sua plenitude, do seu valor e de sua intangibilidade. Em seu caráter inexato, fato de que não deve ser e nem necessitar ser uma ciência normativa, é precisamente onde reside sua própria segurança (PAULILO, 1999, p.201).

Segundo Carr (2006), o estudo de história se caracteriza pela sua intangibilidade, pelo seu caráter inexato e, principalmente, pela pluralidade e subjetividade das interpretações. Nesse sentido, o conhecimento é processado e o historiador decide como ordenar e selecionar os objetos de pesquisa, e o “fazer história” transforma-se em investigação de experiências passadas. Nessa ótica, cabe ao historiador uma interpretação crítica dos eventos, locais e personagens pesquisados (CARR, 2006).

Empiricamente utilizamos documentos oficiais, livros acadêmicos e memorialistas, fotos, artigos de revistas, periódicos, trabalhos de eventos científicos e, sobretudo, jornais guarapuavanos do início do século XX. Para a análise desses materiais, o método dialético será a orientação metodológica de leitura. Afinal, compreendemos que nenhum fenômeno pode ser analisado isoladamente, sem conexão com os fenômenos que o cercam. Todos esses fragmentos de informação são interligados e passam a ser considerados aspectos significativos para a pesquisa histórica. Indo ao encontro do pensamento de Franco Cambi (1999) elas são:

> [...] dialeticamente interligadas e interagentes, reunidas pelo objeto complexo “educação”, embora colocado sob óticas diversas e diferenciadas na sua fenomenologia. Não só: também os métodos (as óticas, por assim dizer) têm características preliminarmente diferenciadas, de maneira a dar a cada âmbito de investigação a sua autonomia/especificidade (CAMBI, 1999, p. 29).

Conforme Caio Prado: “o objeto do conhecimento, se compõe em si e entre si no espaço e no tempo (...) e essa disposição, é respectiva na simultaneidade e na sucessão” (PRADO JR, 1952, p. 22). Nisso, compreendemos que o materialismo histórico dialético aplicado ao estudo da sociedade e da sua história, considera que esta tem a sua formação historicamente construída por meio de grupos sociais, ou classes e das relações conflitivas entre elas.

Nesse sentido, soma-se o pensamento de Paullilo (2008) que afirma a necessidade de se ampliar a pluralidade de fontes históricas, endossando a afirmação de Cambi (2009) ao defender que as fontes da história da educação são dialeticamente interligadas e interagentes.

Tendo como norte essa consideração metodológica, assumimos a necessidade do aprofundamento dessa pesquisa científica sobre essa temática de uma maneira historicamente contextualizada estadual e nacionalmente. Consequentemente, no que diz respeito à estruturação desta dissertação, optamos por uma análise dialética que parte do maior e mais amplo, para o menor e mais específico; do cenário nacional para o estadual e, em seguida, para o municipal. Ou seja, da análise da mudança social da educação Imperial (escolas isoladas) para a Republicana (grupos escolares) no Brasil, no Paraná e em Guarapuava, apreendendo o modo como era(m) a(s) sociedade(s) a(s) qual(is) essa(s) instituições escolares estavam inseridas.

Os Grupos Escolares surgiram em um contexto único na história do Brasil, na mudança do regime político da Monarquia para a República. Para compreender esse fenômeno, faz-se necessário entender quais foram as causas e consequências sociais, políticas e econômicas que ocasionaram a mudança do regime. Para estudar a essência do que significou o advento dos Grupos Escolares, precisamos abordar o pensamento republicano e os ideais que o criaram. Para pesquisarmos o Grupo de Guarapuava, é importante saber como essas casas escolares surgiram no Paraná, quem as criou e o que esse fenômeno representava para a sociedade paranaense e guarapuavana. Para essa pesquisa, realizamos um árduo trabalho de levantamento, catalogação e análise de fontes primárias que encontramos, principalmente no Centro de Documentação – CEDOC da Unicentro durante o ano de 2015.

Por tudo isso, com o fito de proporcionar uma melhor compreensão do objeto de estudo, organizou-se, cronológica e historicamente a reflexão da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, o contexto sócio educacional do período, o cenário nacional e o estadual: o advento dos grupos escolares; a transição do sistema político brasileiro do Império para a República, a sociedade brasileira; a educação nesse período, as escolas isoladas e as razões que levaram a sua transformação em grupos escolares. Na segunda parte do capítulo, o cenário estadual: os primeiros grupos do Paraná; o início do pensamento republicano em nosso estado, os criadores e idealizadores dos grupos escolares e onde eles surgiram.

No segundo capítulo, o contexto municipal: a sociedade guarapuavana no início da república; as escolas isoladas na cidade; como e quais escolas deram origem ao grupo escolar; quais eram os agentes educacionais participantes no processo educativo no município.

No terceiro capítulo, o grupo escolar local é o foco: as visões que a sociedade guarapuavana lançava sobre a instituição, as representações sociais do grupo escolar e da educação sob o olhar da imprensa guarapuavana, a relevância da instituição na formação sócio cultural do município.

Percorrida essa trajetória analítica, fazemos as últimas ponderações nas **Considerações Finais** com análises e discussões, e o debate de fontes; debate esse que avalia além do alcance dos objetivos propostos, o legado do Grupo Escolar para o município.

CAPÍTULO 1

DAS ESCOLAS ISOLADAS IMPERIAIS AOS GRUPOS ESCOLARES REPUBLICANOS – CONTEXTO SÓCIO EDUCACIONAL

1.1 - A Educação na transição da Monarquia a República - O Novo Ideal Republicano e os Grupos Escolares

Para entendermos o modo como o GEVG foi avaliado no período em tela, é importante termos claro o contexto de surgimento dos Grupos Escolares no século XIX e início do XX. Nesse sentido, o contexto histórico nos aponta que a principal causa do desgaste da monarquia que culminou com a queda do Império foi o escravismo. Desde o início do século XIX, a Grã-Bretanha, assim como grande parte da comunidade internacional, vinha pressionando o Brasil nessa questão. A opinião pública contra a escravidão havia crescido no mundo inteiro e em especial, no continente americano. Segundo Prado Jr.(1961), os escravistas oligárquicos brasileiros e o governo, que afinal os representava, adotaram a tática do silêncio para proteger os seus interesses. Com efeito, o domínio da classe hegemônica brasileira era fundamentado na agricultura (principalmente cafeicultura) e na escravidão, como destaca Saviani:

> A base da produção da produção cafeeira era escravista. Fora gestada e desenvolvera-se ao longo da primeira metade do século XIX ampliando sensivelmente o contingente de escravos. Mesmo após a lei de 1831 que, sob pressão inglesa, tinha como escopo coibir a entrada de escravos negros vindos da África, eles continuavam a entrar em números crescentes. (Saviani, 2010, p.160)

Essa relação escravista de acúmulo de capital por meio da exploração da força de trabalho é a origem da formação social/econômica do país, o que Otávio Ianni (1994) denomina como “Origens Agrárias do Brasil”. O governo Imperial se inquietava com a possibilidade de uma agitação incontrolável, caso a questão escravista fosse, abertamente, colocada perante a sociedade. Obviamente que essa política adotada pelo Estado era confortável para os escravistas. O inconveniente social estava no fato de que a escravidão estava ficando insustentável em muitos aspectos. Mesmo antes da extinção do tráfico em 1850, algumas revoltas populares aconteceram. Contudo, o Império e o parlamento, a partir de suas inserções sócio-históricas, lidaram, não sem dificuldades, com essas transformações.

Nesse contexto sócio-econômico de transição política e de revoltas populares[1], o legado educacional do Império para a República foi a Instrução Pública Primária realizada nas Escolas Isoladas de Primeiras Letras. Durante o período Imperial, com o aumento populacional nos povoados e localidades, começou a surgir uma nova "classe" social: pequenos camponeses, comerciantes e seus filhos que multiplicavam-se pelas cidades (PRADO JR., 1961). Os debates acerca do sistema educacional que, com urgência, deveria ser implantado no Brasil, começaram na Assembleia Constituinte Imperial em 1823, onde foi implantada a Comissão de Instrução Pública. Durante 4 anos essa comissão discutiu a instrução pública no Brasil e o resultado desse debate culminou na Lei de 15 de outubro de 1827, a Lei Imperial da criação das Escolas de Primeiras Letras. A criação dessas escolas estava condicionada ao número de habitantes de cada município ou vila. Vilarejos muito pequenos por não possuírem um número de habitantes suficientes, não podiam comportar uma escola. Segundo Saviani (2010), os moradores das províncias que possuíam condições, traziam professores preceptores particulares para os primeiros estudos das crianças em casa. Para os estudos mais avançados, as crianças ricas do interior das províncias eram mandadas para as capitais.

A partir, principalmente, da década de 20 do século XIX, aumentou esse interesse de alguns poucos abastados senhores de terras das províncias no fornecimento de "estudos de qualidade" aos seus filhos. Com a ajuda do governo central, algumas poucas famílias privilegiadas receberam em suas instalações preceptores particulares do mais alto gabarito para seus filhos, que eram muito bem educados em disciplinas "secundárias" como: linguagem, latim, geometria, arte e na história sacra. Por outro lado, nas Escolas Isoladas, as crianças das classes mais pobres eram somente alfabetizadas e os escravos eram no máximo ensinados a falar a língua portuguesa (MACIEL, 1989) (SAVIANI, 2010).

[1] Entre as principais revoltas populares no Brasil neste período destacam-se: Cabanagem - insurreição popular, Pará (1835-1840); Revolta dos Malês - insurreição religiosa, Bahia (1835); Revolução Farroupilha - revolta separatista e republicana, Rio Grande do Sul (1835-1845); Sabinada - insurreição popular, Bahia (7 de novembro de 1837-1838) e a Balaiada - insurreição popular, Maranhão (1838-1841). (Enciclopédia Virtual Barsa, disponível em http://brasil.planetasaber.com/)

A princípio, o governo central construiu alguns prédios escolares, apenas nas capitais de algumas províncias, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Natal, Salvador e Recife (SAVIANI, 2010). Nas cidades do interior, na grande maioria das vezes, as Escolas de Primeiras Letras funcionavam de duas maneiras: ou em um cômodo de alguma repartição pública (especialmente as câmaras municipais) ou, na maioria das vezes, na casa dos próprios professores. No caso das escolas que funcionavam nos lares dos professores, geralmente elas eram alugadas pelo Estado. O aluguel seria pago pelo governo. Contudo o que ocorria em muitos casos era o aluguel deixar de ser pago, restando ao mestre somente o seu ordenado para fazer frente a essas despesas. Os problemas administrativos educacionais eram visíveis, e a penúria das Escolas Isoladas era motivo de lamentação dos próprios representantes do Estado. No Paraná, Maciel (1989) relata a precariedade da educação:

> Reclamações eram ocasionadas principalmente pela situação precária das escolas, pois os Municípios não dispunham de recursos suficiente para mantê-las. Toda responsabilidade pelo funcionamento, manutenção e aplicação das aulas ficava a cargo do professor, que deveria ainda, prestar contas do seu trabalho e apresentar um atestado comprovando seu efetivo exercício para poder receber seu ordenado(MACIEL,1989,p. 53).

Outro fator importante a ser analisado, é relativo à cultura escolar e às práticas metodológicas que eram utilizadas nessas Escolas Isoladas. Elas são abordadas nos artigos 4º, 5º e 15º da Lei de criação das Escolas de Primeiras Letras. Percebe-se na letra da lei, a diretriz metodológica de ensino que o poder público implementou nessas escolas. Em um primeiro momento adotou-se o Método Mútuo ou Método Lancaster como “sistema de ensino oficial” (SAVIANI, 2010, p.128).

O método Lancaster foi criado para um grande número de alunos, mas como no Brasil a grande maioria das escolas primárias da época tinham em média entre 20 e 50 alunos, os grupos (semi-classes) ficaram reduzidos, fazendo com que, na maioria das vezes, professor e os monitores acabassem trabalhando de forma simultânea e, em muitos casos, até de maneira individual com cada aluno. Essa situação, com o tempo, foi descaracterizando todo o processo idealizado.

Em suma, no Brasil os resultados obtidos com a utilização do método mútuo ou lancasteriano ficaram muito aquém do esperado. Conforme Bastos (1999), podemos concluir que o problema não era só do método, mas do modelo das escolas em si. As dificuldades de efetivação do método se deram pelos seguintes principais motivos: falta de professores qualificados, carência de materiais didáticos adequados, instalações físicas inapropriadas e especialmente, falta de recursos financeiros[2].

Soma-se a esse conjunto de problemas o fato de muitas escolas (ou cadeiras) serem fechadas, simplesmente, pela falta de demanda. Nesse cenário, a docência não era atrativa, e até 1833 somente homens exerciam o magistério no Brasil. Mas o governo Imperial adotou uma medida que já estava sendo praticada desde o século XVIII na Europa: utilizar mulheres na educação infantil e na primeira alfabetização, foram as primeiras "normalistas". Começou a serem criadas no Brasil então as Escolas Normais, para formarem nas províncias, aquelas que seriam as primeiras professoras (SAVIANI, 2010).

Numa visão dialética, compreendemos que todas essas variáveis são parte da construção de todo um tecido social, de tal forma que os diversos sujeitos sociais exercitam e sofrem efeitos de poderes políticos, econômicos e culturais. Nesse sentido, corroborando com o pensamento de autores como Otávio Ianni(1994) e Florestan Fernandes(1975), compreendemos que desde as origens sócio-econômicas de nosso país, no período Colonial, passando pelo Império até a República, o cenário político no Brasil vivenciou experiências que oscilaram entre a proclamação dos princípios liberais e o conservadorismo das elites, impactando diretamente as questões pedagógicas, abordadas acima.

A precariedade e a falta de investimento da educação pública Imperial, assim como o tão citado desinteresse das classes dominantes nessa questão, devem ser compreendidos no interior dos processos de mudanças históricas que ocorriam na sociedade brasileira de então (WALDEMARIN, 1997).

[2] Para mais informações acerca do Método Lancaster recomenda-se os estudos de BASTOS, M. H. e FARIA FILHO, L. M. (orgs). A Escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo. Passo Fundo-RS: Ediupf, 1999, p. 177-196.

O Novo Ideal Republicano e a Educação: Os Grupos Escolares

Com a queda do Império e da monarquia em 15 de outubro de 1889, instalou-se no Brasil um novo regime político: o presidencialismo republicano. Ele ergueu-se sob a liderança do primeiro presidente da República, Deodoro da Fonseca.

Analisando a consolidação do novo regime, tomamos como interpretação histórica a visão de Caio Prado Júnior. Na obra “Formação do Brasil Contemporâneo” de 1961, ele afirma que o que aconteceu no Brasil foi muito semelhante à Revolução Francesa, um século antes. Tanto lá como aqui, o que ocorreu foi a queda da monarquia (da realeza e da nobreza) e a ascensão ao poder da burguesia. Contudo, lá existiam muitos nobres, que custavam muito ao Estado, e foram eliminados. No Brasil, por sua vez, os únicos prejudicados com a mudança de regime foram a família Imperial e algumas poucas famílias de Condes e Duques, que tiveram seus títulos e posses confiscados. Todavia, a superestrutura manteve-se, apesar da substituição da mão de obra escrava por trabalhadores assalariados, numa economia prioritariamente agrícola.

A classe dominante da sociedade brasileira continuou a mesma, a elite oligárquica rural. Consolidada ainda mais pela superestrutura do capitalismo internacional com um objetivo: a exploração de recursos naturais e humanos...

> De um lado, na sua estrutura, um organismo meramente produtor, e constituído SÓ para isso; um pequeno número de empresários e dirigentes que senhoreiam tudo; e grande massa da população que lhes serve de mão de obra. De outro lado, no *funcionamento,* um fornecedor do comércio internacional em que este reclama e que ela dispõe. Finalmente como evolução e como conseqüência a exploração extensiva, especuladora e instável dos recursos naturais do país. (PRADO JR, 1964, p.127)

Contudo essa elite precisava adapta-ser às novas demandas do capital internacional, e o principal produto de exportação do Brasil agora era o café, ultrapassando o açúcar. A mão de obra usada nas lavouras passou a ser de trabalhadores livres e não mais de escravos. As grandes modificações estruturais aos poucos foram assumindo um novo papel, o de enquadrar o país aos princípios do capital internacional.

Iani (1984) e Oliveira (1994), apontam que se tratava de uma dupla articulação sócio-econômica que caracteriza a estrutura da sociedade brasileira: interna e externa. A articulação interna deu-se entre os diferentes setores econômicos internos, e suas distintas formas de produção e, por conseguinte, de exploração do trabalho, que implicam em formas relativas de subdesenvolvimento. A Articulação externa teve lugar entre a economia brasileira, e, particularmente, alguns setores desta, com as economias centrais, o que supõe certas modalidades de dependência. As transformações internacionais do capitalismo na Europa, portanto, moldaram o início da era republicana no Brasil e corroboraram para a consolidação da superestrutura sócio-econômica em nosso país.

Sobre a educação, a nova Carta Magna reforçou o Ato Adicional de 1834 que descentralizava, ainda mais, a responsabilidade da organização do ensino, atribuindo a Estados e municípios a manutenção da educação básica, particularmente nos artigos 34 e 35. Neles, a Constituição de 1891 define como atribuição do Congresso Nacional "legislar sobre [...] o ensino superior e os demais serviços que na capital forem reservados para o Governo da União" (art. 34, inciso 30); ou seja, suas responsabilidades limitam-se, portanto, aos órgãos federais de ensino superior. Tem ainda a incumbência de:

> [...] não privativamente: animar, no País, o desenvolvimento das letras, artes, e ciências [...] sem privilégios que tolham a ação dos governos locais, criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados e prover à instrução primária e secundária no DF - Distrito Federal (BRASIL, 1891, art. 35, incisos 2º, 3º e 4º).

Essa autonomia dos Estados proporcionou às regiões mais desenvolvidas criarem sistemas de ensino que serviram de modelo para os estados menos desenvolvidos. Saviani (2010) aponta que em São Paulo, o então diretor da Escola Normal da capital, Caetano de Campos, seguindo o projeto de Rangel Pestana, criou em 1890, anexo ao curso das normalistas, um Grupo Escolar. Esses políticos e educadores tinham viajado a Europa e visto como funcionavam as escolas graduadas lá e trouxeram esse sistema de ensino para o Brasil, criando a Escola Modelo em São Paulo. O primeiro Grupo Escolar construído no Brasil foi instalado no município paulista de São Roque em 1891.

O ensino paulista, a partir de então, passou a ser considerado modelo em educação, tanto em termos de organização pedagógica quanto na organização administrativa, sendo este modelo apropriado por vários Estados brasileiros. As Políticas do Estado Republicano tinham como objetivo principal a alfabetização primária das massas. Para isso foram criados os principais meios de formar o cidadão de acordo com seus moldes, os Grupos Escolares. Neles, pretendia-se romper com o passado imperial e formar um novo homem para uma nova sociedade capitalista que estava se instalando no país. A principal ideia republicana era aderir aos novos tempos positivistas liberais (SAVIANI, 2010).

É realizada também em São Paulo, a reforma da Escola Normal, depois da criação da Escola Modelo, que formava os professores para atuar no ensino primário paulistano. Essa escola também foi a pioneira no Brasil na introdução de um novo método de ensino, o Método Intuitivo. De acordo com Souza (1997), o método intuitivo surgiu a partir da necessidade de se desenvolver uma educação universal com a abertura das escolas para a população, e consequentemente, o aumento de alunos.

Com objetivo de educar os sentidos o método intuitivo procurava produzir o conhecimento e tornar os alunos mais autônomos para a sua convivência dentro de uma sociedade mais desenvolvida e com vistas a formar o trabalhador para as indústrias que se instalavam no Brasil (SAVIANI, 2010). O método intuitivo surgiu na Alemanha no final do século XVlll, através de Pestalozzi, que se pautava nos ideais filosóficos e pedagógicos de pensadores como Bacon, Locke, Rousseau, Comenius, Froebel, entre outros (SOUZA, 1997). O novo método teve uma boa aceitação por toda a Europa durante o século XlX, e partindo dele, surgiu a ideia de uma educação gradativa, onde uma matéria era ensinada durante todos os anos de estudo, porém separadas de acordo com o grau de conhecimento que o aluno adquiria no ano anterior, começando do que o aluno já sabia para o conhecimento mais complexo. Tudo isso atrelado ao tempo, com a divisão do mesmo, fazendo com que os alunos recebessem conhecimento de todas as áreas durante todas as séries através de planejamento anual, onde as matérias e os exercícios eram divididos (SCHELBAUER, 2010).

A intenção da criação de um novo tipo de educação partiu da ideia de alguns intelectuais da época interessados em trazer para o Brasil a modernização encontrada nos países avançados tanto no âmbito industrial como educacional (BIELSCHOWSKY, 2007).

No interior desse processo de modernização das práticas pedagógicas, os Grupos Escolares, portanto, eram o “centro” das Políticas de Estado para a Educação Pública. Eles foram a peça chave na construção desse novo modelo educacional voltado à educação popular. Todavia, no Brasil, o que se foi observado é que esse novo modelo educacional, não era tão ‘popular’ como era almejado, pois, era mais voltado para as classes médias urbanas:

> [...] eles, os grupos escolares, constituíram um fenômeno tipicamente urbano, já que no meio rural ainda predominou as escolas isoladas por muito tempo. O Grupo Escolar foi uma escola eficiente para a seleção e a formação das elites. (SAVIANI, 2004, p. 84)

A escola graduada foi também responsável por gerar novos dispositivos de racionalização administrativa e pedagógica. Dispositivos esses que eram necessários para o desenvolvimento da sociedade capitalista, principalmente nos processos de urbanização e industrialização. Foi ainda um projeto cultural a favor da nação, o qual educava mais do que instruía. Segundo Souza (2004), esse modelo escolar foi implantado no Rio de Janeiro em 1897, no Pará em 1899, no Paraná em 1903, em Minas Gerais em 1906, no Rio Grande do Norte e no Espírito Santo em 1908, no Mato Grosso em 1910, em Santa Catarina e em Sergipe em 1911, na Paraíba em 1916 e no Piauí em 1920.

Podemos conceber que a sociedade capitalista, tal como se organizava no final do século XIX e início do XX, propunha uma nova concepção de educação, em correspondência com as transformações econômicas. Essas transformações se intensificaram a partir da consolidação do liberalismo no hemisfério norte, fundamentada em um sistema de competição social e econômica. A ideologia liberal atribuía à educação pública escolar um papel preponderante na construção de uma nova sociedade. Portanto, era na direção de uma ordem liberal que a escola deveria ser reorganizada no Brasil, agora por meio dos Grupos Escolares.

Nesses Grupos, um novo homem deveria ser formado. Os ideais liberais republicanos apregoavam que ele deveria ser formado sob os valores da virtude, do caráter, da honra, da coragem, do altruísmo, da cidadania, da disposição ao trabalho, do civismo, do higienismo e do patriotismo. O Brasil, ao adentrar no século XX sob a égide do republicanismo liberal, passaria a compor a totalidade do mundo capitalista globalizado. Nesse contexto, sob a luz do marxismo, concebemos que a essência da relação capitalista do início do século XX passou, cada vez mais, a se identificar com a produção de mercadorias, cujo sustentáculo era a propriedade privada.

Nesse sentido, concebemos que esse novo anseio social implicava a existência de uma sociedade dinâmica, que fosse composta por homens que tivessem empenhados em construir uma nova ordem sócia econômica, onde "O capital é a potência econômica da sociedade burguesa que domina tudo" (PRADO JR. 1961, p. 201). Como no Brasil, a superestrutura oligárquica manteve as mesmas bases de produção, podemos concluir que a República não resultou em uma ampliação dos direitos sociais de acesso aos bens de consumo e de participação política em relação ao Império. Nos anos posteriores, vemos que o regime republicano abriu portas para que os cafeicultores assumissem o controle das instituições políticas nacionais.

Dessa forma, presenciaríamos, posteriormente, a continuidade do predomínio das oligarquias. Conforme vimos, as pretensões pedagógicas modernizantes materializadas nos grupos escolares inserem-se nessa complexa luta entre ruptura e continuidade de forças econômicas e políticas que se tencionavam na viragem ao século XX.

1.2 - OS GRUPOS ESCOLARES NO PARANÁ REPUBLICANO

Para compreendermos o que representou os Grupos Escolares paranaenses como o Visconde, precisamos entender que, no Brasil, no final do século XIX e início do XX, um fluxo de transformações atingiu vários níveis das relações sociais nos municípios. Foram mudanças impactantes estimuladas por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, as quais alteraram a ordem e as hierarquias sociais, as noções de "pertencimento" e cidadania dos indivíduos, e os modos de percepção do cotidiano (HOLANDA, 2012).

A sociedade brasileira, então, a partir da República, foi envolvida num intenso processo de transformações de hábitos cotidianos, de convicções e percepções sociais, fundamentados nos princípios positivistas das revoluções sociais dos países desenvolvidos do hemisfério norte nos séculos XVIII e XIX (FREIRE, 2004).

No Paraná, seguindo a tendência paulista, essa nova organização política surgida com o advento da República, teve alguma adesão e propagação, tanto do poder público, como da sociedade. Assim como a grande imprensa do eixo das duas principais províncias do país, Rio de Janeiro e São Paulo, os jornais paranaenses da época nos mostram como grande parte da sociedade "aderiu" a República, e todos os novos ideais que ela representava. Antes mesmo da proclamação, existiam periódicos curitibanos que já apregoavam abertamente a República como o novo sistema político. Dois dos principais jornais paranaenses da época retratavam esse pensamento em artigos e editoriais, como o "A República" e o "Jornal Livre Paraná". Esse último, editado e dirigido pelo republicano Fernando M. de Simas, teve sua edição inaugural ainda no Império, em 7 de julho de 1883, conforme vemos:

> É a voz de uma convicção profunda, o brado de uma adesão sincera que se levanta hoje para ecoar no céu virgem e límpido do Paraná.Virgem, não na concepção do princípio, não na aspiração do ideal, mas na expressão pública da idéia.Combater o privilégio, desde o predomínio das pequenas dinastias, até o monopólio do poder hereditário, permanente, inviolável e sagrado: eis a síntese do nosso programa.Desde que entre o futuro do povo Brasileiro e o futuro da família Bragantina, foi o interesse dinástico Português que triunfou, a democracia pura lampejos intermitentes têm reverberado no

> firmamento nacional, ora com explosões rudes, ora com expansões serenas.Pois bem, seja a aparição desta folha mais uma expansão da democracia, mais um lampejo dessa intermitência.Deixemos que a monarquia com seu dogma *inviolável e sagrado* insulte a liberdade e a razão.O dogma das sociedades modernas é a *soberania do povo*.Procuremos em melhor origem o fundamento dos direitos inauferíveis da nação.Faz-se mister que o soberano coletivo, o povo, conheça seus verdadeiros interesses e fiscalize com atenção a gestão de seus negócios, para sentir quanto o elemento monárquico é incompatível com o elemento democrático.O desgosto que se apodera dos espíritos pelo descrédito das instituições monárquicas auxiliará o fenômeno da regeneração social. Eia! etc. etc. (LIVRE PARANÁ, 1883).

O entusiasmo republicano tomou conta dos periódicos, que caracterizavam o novo sistema como "verdadeiramente democrático" e "severamente honesto" (A REPÚBLICA, 18/03/1891), motivo pelo qual todos deveriam se unir. Com um tom deveras nacionalista, os artigos e editoriais dos jornais paranaenses conclamavam a sociedade para se juntar na construção de uma “nova sociedade”.

> Sendo porém a política do governo provisório, assentada sobre princípios científicos e esteada nos mais elevados intuitos patrióticos, para que não auxiliá-lo na hercúlea tarefa? (A REPÚBLICA, 15/07/1890).

Como se vê, os jornais adotaram o discurso nacionalista da unidade, afirmando aceitar, inclusive, os elementos dos velhos partidos monarquistas, desde que se adaptassem a nova realidade: "Somos complacentes para com os vencidos. Queremos a união de todos debaixo da bandeira republicana" (A REPÚBLICA, 18/10/1889). O discurso, à primeira vista, era unificador. Porém, se analisarmos criticamente, percebe-se uma pretensão de impor uma visão legítima do mundo social: “de cima pra baixo” os republicanos impunham seus novos ideais de maneira a determinar como deveria ser formada essa nova sociedade. Os proprietários e redatores dos jornais insistiam nesse tipo de discurso, embora vazio em conteúdo, mas cheio em euforia, dizendo bastante a respeito da luta simbólica pela demarcação social das suas posições no campo político. Essa postura sustentava-se no argumento de que a reorganização do país estaria muito bem conduzida pelos republicanos e militares que trabalhavam na transição do sistema de governo.

Porém, esse novo ideal republicano ainda representava o pensamento das elites agrárias e a imprensa tinha como "alvo" da propagação do republicanismo, as novas classes médias urbanas. Para a grande parte da população brasileira os novos dirigentes da nação acalentaram como plano de consolidação de seus ideais, a educação, em que os Grupos Escolares representaram a grande possibilidade institucional de concretização desses ideais. No Paraná, destacaram-se dois políticos que contribuíram significativamente para propagação e consolidação dos ideais republicanos positivistas de "ordem e progresso" no final do século XIX e início do XX, os ex presidentes da província Vicente Machado[3] e Xavier da Silva.[4]

Primeiros Grupos Escolares do Estado

Xavier da Silva e Vicente Machado, como integrantes da classe dominante, por meio de suas ações políticas, procuram manter e consolidar o *status quo* das oligarquias no Paraná (durante vinte anos, entre 1892 e 1912, esses fazendeiros "ervateiros" governaram o PR por 16), reproduzindo o ímpeto capitalista manifesto no ideal republicano (SHARAN, 2014). Para isso, o grande objetivo dos dirigentes paranaenses no início do século XX era adaptar o Estado à superestrutura do capital internacional, com o objetivo de alcançar o "desenvolvimento positivista" para a sociedade, tão propagado na Europa e nos Estados Unidos. A economia estrangeira ditava o ritmo, e a nova ordem internacional exigia uma sociedade minimamente partícipe, comprometida com o desenvolvimento sócio-econômico em cada país (PRADO JR, 1961).

[3] Vicente Machado contribuiu com o jornalismo e a educação, escrevendo artigos políticos nos jornais: "19 de Dezembro" e no "A Província do Paraná". Foi Promotor Público e, em 1882, secretário do governo de Carlos de Carvalho. Foi também professor de Filosofia no Ginásio Paranaense, Juiz Municipal e de Órfãos em Ponta Grossa e deputado provincial nos biênios 1886-87 e 1888-89 pelo Partido Liberal. Com a proclamação da República, foi eleito Deputado Estadual em 1891-92, e em 1893 foi Vice-Presidente do Estado, na gestão de seu amigo Xavier da Silva. Chegando ao ápice de sua carreira em 1903 quando foi eleito Presidente da Província do Paraná.

[4] Xavier da Silva iniciou sua carreira política em Castro, como intendente municipal, de 1877 a 1881 nomeado pelo Presidente da Província Imperial do Paraná, Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, depois voltou ao cargo de 1889 a 1891, desta vez nomeado pelo Interventor do Paraná durante a República das Espadas, o militar Francisco José Cardoso Júnior, ao qual o próprio Xavier da Silva sucedeu no ano seguinte quando foi o 1º presidente eleito do Paraná, em 1892, depois ele foi eleito de novo em 1900 e em 1908, senda essa considerada uma marca histórica, durante quase um século, Xavier da Silva foi o único governante do Paraná eleito 3 vezes de forma direta, esse feito só foi igualado 98 anos depois, quando em 2006 Roberto Requião venceu as eleições e assumiu seu 3º mandato como Governador do Estado do Paraná (Governantes do Paraná, disponível em http://www.cidadao.pr.gov.br/).

Para isso, uma das ações desses governantes foi aumentar a oferta de vagas para a instrução pública primária. Nesse ínterim, “alfabetizar as massas” era a meta. Por essa razão surgiu no cenário urbano das principais cidades do Estado importantes edifícios escolares públicos, que se tornaram marcos dos Grupos Escolares. Conforme Paulo de Nóbrega (2014):

> O Paraná adotou o Estado de São Paulo como referência, mandando em vários momentos profissionais da educação pública, como professores normalistas e mesmo um ex-diretor geral da Instrução, para estágio de observação de sua organização para aplicá-la no estado. Posteriormente, em 1920, trouxe o professor paulista Cesar Prieto Martinez para dirigir nova reorganização do ensino (NÓBREGA, 2014, p. 103).

Nóbrega (2014) também aponta a precariedade das escolas isoladas herdadas do Império. Consequentemente, uma das características mais problemáticas da educação paranaense, com a qual lidou a gestão de Xavier da Silva, a falta de cidadãos que se interessassem pelo magistério:

> Estado, tendo o dever imperioso de precaver-se contra os perigos da ignorância não tem se descuidado de criar escolas onde há população escolar. Que valle espalhar escolas por toda a parte, se não temos pessoal idôneo, capaz de exercer com altruísmo a nobre e santíssima profissão de mestre? (PARANÁ, 1901,vol.5)

Em 1902, na gestão de Xavier da Silva, Victor Ferreira do Amaral e Silva, então Diretor de Instrução Pública do Paraná conduziu um censo escolar solicitado pelo presidente. Em seu relatório final ele apontou os muitos problemas encontrados, principalmente a falta de prédios (a grande maioria das escolas isoladas funcionava nas casas dos professores). Isso seria um grande desafio para novo governo liberal republicano enfrentar. Destacou que, após reunião com os líderes da Assembleia Legislativa, o Estado estava diante de uma carência financeira que dificultaria muito a construção de prédios adequados pra educação pública:

> Um dos escolhos para a boa distribuição das escolas, não só nas cidades como nos pequenos povoados, continua a ser a falta de prédios apropriados, dificuldade que só será saneada quando o Estado puder mandar construir casas escolares adequadas nos lugares mais convenientes. [...] (PARANÁ, 1903, p. 36).

Ao mesmo tempo em que denunciava a falta de edifícios escolares adequados, Vitor do Amaral colocava placas de identificação nas escolas existentes, as famosas “plaquinas”. Segundo Saviani (2004), o “caráter identificador” das edificações, era uma ideia corrente na época. As diferentes plantas arquitetônicas deveriam ser viabilizadas de acordo com lógicas e critérios positivistas do novo período republicano. A valorização da arquitetura escolar também esteve relacionada com o compromisso de adequação às novas necessidades pedagógicas e higienistas, contrapondo-se aos espaços de ensino improvisados, frequentes no Império.

Xavier da Silva iniciou em 1902 a construção do primeiro Grupo Escolar do Estado. Sua inauguração foi o último grande evento da sua 2ª gestão, que ocorreu junto com a comemoração do aniversário de 50 anos da criação da Província do Paraná, em 19 de dezembro de 1903, data que marca a emancipação política do Paraná de São Paulo (PARANÁ, 1905). A data foi assumida como emblemática para apresentar o primeiro “colégio” do Paraná, o Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva.

A inauguração desse Grupo Escolar foi um grande marco na história de Curitiba e da educação paranaense. A partir de então, conforme palavra do presidente Xavier da Silva, tinha-se um modelo de edifício escolar para instrução pública primária a seguir pelo Estado:

> O novo edifício destinado ao grupo escolar Xavier da Silva, contendo espaçosas salas e recreios cobertos, ao ar livre, despertou a ideia de formar-se em outros predios, como o antigo Gymnasio, novos grupos (PARANÁ, 1905, p. 23).

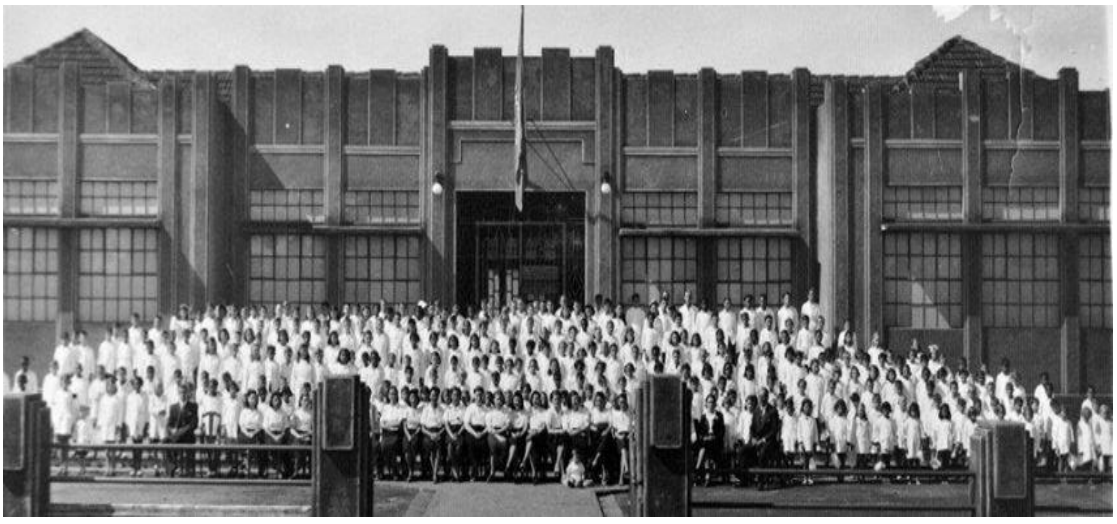
Um pouco diferente dos Grupos Escolares paulistas, que ficavam localizados nos centros das cidades e que, segundo Saviani (2010) atendia “as elites e classes médias urbanas”, na capital paranaense ele foi construído em um local da cidade onde tivesse uma demanda popular maior por educação. O Grupo foi erguido em um bairro industrial próximo ao centro da cidade onde existiam fábricas, no bairro Rebouças.

A intenção era atender, principalmente, os filhos do operariado da fábrica e beneficiadora de mate Leão Júnior, na época, a maior indústria do estado do Paraná.[5]

Em 1904, Vicente Machado assumiu a condução do Estado, por meio de eleições diretas, e imediatamente começou a construção do 2º Grupo Escolar. O município escolhido seria Castro, sua cidade natal. Em 29 de novembro de 1904 o presidente inaugurou o Grupo com grandiosa festa na localidade (SHARAN, 2014).

Vicente Machado tinha um projeto de desenvolvimento econômico, social e educacional para os Campos Gerais, e uma das medidas para isso foi que, as cidades de Castro, Ponta Grossa e Palmeira receberiam Grupos Escolares seguindo os moldes dos grandes centros urbanos como Curitiba e São Paulo, no intuito de desenvolver uma educação republicana autônoma e descentralizada:

> O novo contexto político republicano em que o país vivia e, principalmente, a cidade de Castro, confirmava as divisões de competências educacionais herdadas do império que era a de descentralizar do sistema deixando para os Estados a responsabilidade de legislar e prover com os próprios recursos sobre a instrução Pública Estatal Gratuita para todos (NASCIMENTO, 2004 p. 24).



(FIGURA 1.1: "Grupo Escolar Vicente Machado",1904, Acervo Público Prefeitura de Castro, disponível em: www.castro.pr.gov.br/site/index.php.option=com_morfeoshow&taskview&galery)

[5] Nesse antigo bairro industrial, o Grupo Escolar Xavier da Silva passou a ser um ponto de referência em Curitiba, tornando-se um marco para a educação paranaense, modelo de educação popular para a grande massa de iletrados. Xavier da Silva tinha deixado sua marca, iniciado o processo de construção dos Grupos Escolares. No ano seguinte, seu sucessor, Vicente Machado, daria continuidade ao projeto de implantação desse novo modelo de escola pública em mais 4 municípios do interior do estado: Castro, Palmeira, Guarapuava e Ponta Grossa (CASTRO, 2009).

Sobre o 2º Grupo Escolar do Estado, o Vicente Machado da cidade de Castro, temos a dissertação de mestrado de Aline Cristina Sharan (2014). Nele a autora faz uma pesquisa sobre a história da fundação e consolidação do colégio, bem como as representações sociais do 2ª Grupo Escolar do Paraná.

Já sobre o 3º Grupo, o Jesuíno Marcondes de Palmeira, conforme levantamento realizado, não conseguimos determinar a data exata da inauguração deste grupo, nem nos órgãos oficiais, nem na pesquisa acadêmica de Lúcia Mara de Lima Padilha (2010). A autora apenas menciona que ele foi construído em meados de 1906 e inaugurado no início de 1907 (PADILHA, 2010). Conforme os documentos oficiais, poucos dias após a inauguração do 2º Grupo em Castro, o presidente Vicente Machado já havia ordenado a construção do 3º Grupo Escolar, em Palmeira:

> Decreto nº 407, de 3 de dezembro de 1904. O presidente do Estado do Paraná, desejando attenderas necessidades da instrução publica primaria da cidade de Palmeira e usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei, decreta: Art. 1º. Fica reservada, da verba do §3º.,do Art. 5º., da Lei do orçamento, nº 566, de 8 de abril d'este anno, athe a quantia de 12:000 $000 (doze contos de réis), para a construção de um edifício na cidade de Palmeira em terreno da Municipalidade, para nelle funcionar um Grupo Escolar. Art. 2º. Esse Grupo Escolar, onde funcionarão as escolas da mesma cidade, terá a denominação perpétua de "Conselheiro Jesuíno Marcondes" em homenagem ao ilustre paranaense desse nome e que tantos serviços prestou ao Paraná e que teve o seu berço naquela cidade. Art. 3º. A secretaria de Obras Publicas ordenara a confecção da planta, organização do orçamento e entregara a fiscalização das obras, que devem ser logo iniciadas, á Camara Municipal da cidade de Palmeira. Art. 4º. Revogam-se as disposições em contrário. Palacio da Presidencia do Estado do Paraná, em 3 de dezembro de 1904. VICENTE MACHADO DA SILVA LIMA Bento José Lamenha Lins (DECRETO LEI nº. 407, *apud*, FREITAS, 1977, p. 56)

Conforme os documentos e imagens oficiais, o resultado final da obra foi:

> O edifício consta de um vestíbulo, dois gabinetes de 3,85m por 2,28m, e quatro salas de aula, de 9m por 5,625m cada uma; é todo de alvenaria de tijollo e situado em local elevado, bem nocentro da cidade. Do portão para a área fronteiriça ao edifício tem-se acesso por uma escada de 6 degraus feita de pedra grés apparelhada. (PARANÁ, 1907, p. 31-32).

(FIGURA 1.2: “Grupo Jesuíno Marcondes” Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira,1907)

O projeto de educação popular pautado na expansão dos grupos escolares foi o sustentáculo do modelo de educação que seria adotado no Estado pelo próximo meio século.

Com a morte de Machado, a construção de Grupos de Escolares é interrompida. Antes desse fato, a criação desses colégios no início se deu de forma “contínua”: o primeiro em 1903, depois em 1904 e em 1906. Depois do mencionado falecimento, o Paraná ficou 6 anos sem inaugurar prédios públicos para a educação, o que foi retomado em 1912 por Xavier da Silva. Nesse ano são inaugurados os Grupos Escolares Nº4 e Nº5, respectivamente, em Guarapuava e Ponta Grossa.

Cada Grupo Escolar estava intrinsecamente conectado com a realidade da sua localidade, e com a cultura urbana que envolvia essas instituições, sendo influenciados pelas características de sua região, consoantes aos traços sociais e geográficos. Inspirados nos modelos paulistas de escola graduada, os Grupos Escolares paranaenses procuraram atender aos objetivos propostos a sua destinação, embora essa “missão” não deixasse de ser influenciada pelas características da localidade na qual cada um se encontrava. Por exemplo, o corpo discente dessas instituições, o público alvo, era definido pela materialidade sócio-econômica do espaço geográfico no qual as escolas isoladas estavam inseridas.

Nos Grupos Escolares de São Paulo, e nas cidades maiores do interior daquela província, a maioria das crianças que frequentavam as casas escolares era proveniente das classes mais ricas da sociedade; em Curitiba, ao contrário, os frequentadores do Grupo Escolar eram os filhos dos operários das classes mais pobres, era um corpo discente mais popular; já em Castro e em Palmeira, os estudantes dessas instituições eram crianças das novas classes médias urbanas, oriundos principalmente de famílias de comerciantes e de servidores públicos.

Ou seja, diferente das Escolas Isoladas Imperiais onde tínhamos alguma homogeneidade na composição social daqueles que tinham acesso à instrução, nos Grupos Escolares temos uma situação muito mais heterogênea, onde as sociedades do interior paulista eram diferentes da realidade de Curitiba, bem como na capital do Estado a realidade também era distinta dos Campos Gerais paranaenses.

Essas observações inviabilizam a inferência que destaca a concretude local de uma superestrutura internacional, utilizando a educação como ferramenta de adaptação da sociedade paranaense a nova realidade liberal capitalista que o Brasil adentrara com a República. A partir desse prisma, o Estado do Paraná se encaixou ao novo conceito de educação pública republicana. Nesse contexto, a educação assumiu um papel fundamental, na medida em que era vista como transformadora da sociedade ou, ainda, como uma quase “religião cívica”. As maneiras como essa importância se concretizou em Guarapuava é o que receberá atenção no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

GUARAPUAVA - HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

2.1- Guarapuava: Do Império ao início da Era Republicana

No final do século XIX, início do século XX, Guarapuava já era considerada uma importante cidade no cenário paranaense. Condição essa consolidada ao longo do século XIX pela ação dos desbravadores que conquistaram, colonizaram e povoaram a região a partir de 1809. A ocupação do sudoeste dos chamados “Campos de Guarapuava” ocorreu no intuito de consolidar a posse estratégica do território, a região já havia recebido expedições da coroa portuguesa de reconhecimento ainda no século XVIII. Os portugueses tinham uma grande preocupação em ocupar e colonizar territórios ao centro e ao oeste da colônia (KRÜGER, 2007).

De norte a sul do Brasil são organizadas expedições colonizadoras país adentro pelos bandeirantes[6]. Segundo autores locais como Krüger (2012), a partir de 1768, no sul da colônia portuguesa, a tentativa de colonizar foi direcionada à conquista dos campos de Guarapuava. O “descobridor” desses campos foi o tenente Cândido Xavier de Almeida juntamente com o bandeirante Afonso Botelho Sampaio com o acampamento “oficialmente” instalado em 9 de setembro de 1770. Inúmeras dificuldades surgiram, deixando mais difícil o povoamento da região à época, tais como o clima, a geografia, mas principalmente os índios liderados pelo Cacique Guairacá, que além de serem em grande número, eram guerreiros exímios. Esse conjunto de problemas levou ao abandono da intenção de colonizar a região (GLUBER, 2010). A retomada da colonização se deu após a chegada da Família Real ao Brasil a partir de 1808, com o suporte da Igreja, sob a liderança do Padre Chagas e do militar Diogo Pinto de Azevedo Portugal. Entre guerras e tréguas, em 1912 foi catequizado o Cacique Pahy, iniciando o período de povoamento.

[6] Os “bandeirantes” foram uma grande força expedicionária de colonização e exploração que a mando da coroa portuguesa movimentavam a ocupação geográfica de territórios a oeste do Brasil colônia nos séculos XVII e XVIII (FAUSTO, 2009).

Oficialmente, a cidade surgiu com a instalação da Freguesia de Nossa Senhora de Belém em 9 de dezembro de 1819 com a transferência da freguesia e da Igreja Nossa Senhora de Belém para o local, que segundo o Padre Chagas[7], era o mais adequado para a construção da igreja matriz[8].

Nesse contexto, o ponto gerador do núcleo de uma localidade era a igreja. Assim, sob o comando de Padre Chagas foi construída a Catedral de Nossa Senhora de Belém, que foi o ponto referencial mais importante para a sociedade da época. Toda a cidade começou a crescer ao redor da igreja, tendo como primeiro prefeito de Guarapuava o Coronel Pedro Lustosa de Siqueira (GUARAPUAVA, 2010).

A primeira grande atividade econômica em Guarapuava no século XIX foi o tropeirismo, com a criação de gado, atividade que era inevitavelmente ligada a Igreja e aos poderes oligárquicos locais. Segundo Holanda (2006) o termo tem sido usado para designar principalmente o transporte de gado da região do Rio Grande do Sul até os mercados de Minas Gerais, posteriormente São Paulo e Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX. Contudo, segundo o autor, existem historiadores que afirmam que o tropeirismo é mais antigo, já no "início do Brasil" no "ciclo do açúcar" entre os séculos XVI e XVII, quando várias regiões do interior do nordeste dedicavam-se à criação de animais para comercialização com os ricos senhores de engenho.

Em sentido mais amplo, os tropeiros podem ser considerados também os comerciantes que compravam tropas de animais para revendê-las. Havia o "tropeiro de bestas", que era o trabalhador que usava os animais para, além de vendê-los, transportar outros gêneros (alimentícios, vestuários, ferramentas) para o comércio nos vários vilarejos pelas quais passava.

[7] Padre Francisco das Chagas Lima foi o primeiro capelão de Aparecida SP, sua cidade natal, nomeado em 1780. Em 1810 a mando da coroa portuguesa e da igreja Católica, liderou a colonização dos Campos de Guarapuava. Considerado o fundador da cidade de Guarapuava, onde teve importante participação na suas primeiras ocupações urbanas. Suas cinzas estão localizadas no centro da Praça 9 de Dezembro, em Guarapuava. Era irmão do cônego curitibano Manuel da Cruz Lima, pai de Diogo Antônio Feijó, regente do Império. Dedicou grande parte da sua vida a catequização e socialização dos índios(GLUBER, 2010).

[8] No ano eleitoral de 2010, por razões políticas, o Prefeito Municipal de Guarapuava – Fernando Ribas Carli – decidiu por "arredondar" a data de fundação da cidade para 1810, realizando assim os festejos "Guarapuava 200 anos". Contudo, Kruguer (2007) afirma que a fundação se deu em 1812 quando o Padre Chagas conseguiu "fazer amizade" com índios e começou o processo de catequização e colonização da região. Já pesquisadores como Tembil (2007) afirmam que a "criação" efetiva da vila (ou povoado) só pode ser considerada oficialmente a partir da construção e inauguração da Igreja Matriz (19/12/1819).

No sentido mais estrito, porém, o "tropeiro" seria o peão cuja função, na pecuária extensiva brasileira do século XIX (inclusive nas comitivas), consistia em reunir pela manhã os cavalos, cuidar deles durante o dia, e alojar à noite a os animais de serviço que os peões campeiros usavam durante a jornada de trabalho. Holanda (2006) nos aponta que além de seu importante papel na economia, o tropeiro teve importância cultural relevante como veiculador de ideias e notícias entre as aldeias e comunidades distantes entre si, numa época em que não existiam estradas no Brasil.

Já em meados do século XIX, especialmente a partir de 1852, quando Guarapuava passou a ser uma “vila”, a principal atividade econômica da região começou a se modificar, consolidando conforme os manuais de história conceitual, um novo “ciclo econômico”, o ciclo da erva mate (GLUBER, 2010). Seguindo a tendência econômica das outras cidades paranaenses, Guarapuava passou a se dedicar à extração, beneficiamento e produção de erva mate, produto esse que foi a principal atividade econômica do estado do Paraná entre a metade do século XIX até meados do século XX:

> Em 1920 Guarapuava era um dos expressivos centros produtores de erva mate do país, já que o Paraná respondia por 86% do volume exportado pelo Brasil. Foi graças a erva mate que surgiu a ligação ferroviária entre Curitiba e o litoral, o que alcançou toda a economia do Estado. Sob a justificativa de impulsionar a atividade, em 1938 foi criado o Instituto do Mate, e ocorreu uma pesada intervenção do Estado no setor, inclusive com a cobrança excessiva de taxas de impostos. Encerrou-se então a fase áurea do mate (KRÜGER, 2012, p. 138).

Tomando por base as reflexões de Krüger (2012), Tembil (2007) e Gluber (2010), dentro do contexto sócio econômico do final do século XIX e início do século XX, a população guarapuavana era formada por 3 grandes classes sociais: os ricos fazendeiros (uma minoria); a classe média urbana (principalmente pequenos comerciantes e soldados) a maioria da população; e a classe das pessoas mais pobres, composta principalmente por descendentes de escravos e de degredados.

Contudo, a partir do final do século XIX, o quadro demográfico do Paraná é substancialmente alterado pela introdução de contingentes de imigrantes europeus (GONÇALVES, 2014).

Fomentado nacionalmente por republicanos como Rui Barbosa e, localmente, pelos presidentes provinciais Vicente Machado e Xavier da Silva, esse afluxo de imigrantes veio para o Paraná para trabalhar com a agricultura de abastecimento em colônias agrícolas nos arredores dos centros urbanos, principalmente nas cidades da região dos Campos Gerais. Nesse processo, muitas famílias de origem eslava vieram para região de Guarapuava no início do século XX, ocorrendo também o que podemos chamar de uma "imigração interna", com grande contingente de descendentes de eslavos vindos das regiões rurais dos municípios paranaenses de Irati, Prudentópolis e Virmond.

Estabelece-se então, uma comunidade de imigrantes e descendentes de poloneses na região conhecida como Rio das Mortes. Contudo, a maior parte dos descendentes de eslavos, fixou-se na área urbana do município. Isso, culturalmente resultou em Guarapuava, na criação de grupos de tradições polonesas e outros de tradições ucranianas, a herança cultural dessas etnias estendeu-se também a arquitetura urbana, onde ao longo do século XX foram criadas na cidade algumas igrejas greco-ucranianas de rito bizantino.

No início da era republicana no Paraná, Guarapuava foi marcada pela dificuldade administrativa e financeira em sua municipalidade. A descentralização político-administrativa promovida pelos republicanos, que em pese conceder aos municípios o "status" de base da federação, não significou aos mesmos a autonomia político-administrativa em relação ao Estado ao qual eram pertencentes. Na prática os governadores ainda ditavam as regras de gestão e conformidade administrativa, conforme vemos:

> A Constituição de 1891 adotou na sua letra o princípio da autonomia municipal. Na prática, porém, transferiu ao estado o direito de organizar a municipalidade, estimulando a cultura da dependência e da subordinação. A carta republicana assim, entregou o município de mãos atadas ao arbítrio estadual. Daí a interferência deste em todos os assuntos da vida local, ditando normas para tudo, enumerando impostos, taxas e contribuições arrecadáveis pelos municípios, e fazendo retroceder ao mandonismo político (KRÜGER, 2012, p. 57).

Os primeiros prefeitos pós Constituição Republicana de 1891, Pedro L. de Siqueira (1892-1894) e José F. Saldanha (1894-1896) enfrentaram como principal problema na cidade, seu "isolamento" geográfico.

Localizado no alto da Serra da Esperança, não existiam estradas de acesso ao município.[9] Quase um século depois de sua colonização, a única forma de chegar à cidade ainda era por meio de trilhas e picadas abertas na mata atlântica "morro acima". Guarapuava não possuía autonomia, nem política e nem financeira, para construir uma estrada. A estrada foi construída apenas em 1901 (GLUBER, 2010).

A construção da "estrada de rodagem" foi a principal obra realizada na história da cidade desde a sua fundação até aquele momento. A luz dos novos tempos republicanos, essa obra fazia-se extremamente necessária para o desenvolvimento econômico de Guarapuava e região. Após sua construção, a cidade teve um "*boom"* de crescimento econômico, principalmente no comércio urbano. Agora as mercadorias provenientes das grandes cidades chegavam mais facilmente à localidade, acarretando desenvolvimento não só econômico, mas social do município.

Esse fato desencadeou uma série de melhorias e mudanças para a cidade, em todas as áreas. Proporcionou, além de aumentar o fluxo imigratório de europeus e descendentes (em especial os eslavos, como já abordado), trouxe também as novas técnicas de produção para a cidade. Com elas, novas necessidades, entre as quais, a mais importante, a necessidade de energia elétrica, esse seria o novo desafio dos empreendedores do município.

Com isso, a ânsia por modernização, industrialização, educação e urbanização das cidades paranaenses, passa a se tornar corrente em Guarapuava. As novas demandas sociais de trabalho e produção advindas do progresso e do capitalismo, das rotas de comércio, das construções e da urbanização, trazem à tona a necessidade da sociedade guarapuavana estar preparada para esse progresso, alçado à condição de um caminho incontornável.

[9] A Serra da Esperança fica no Planalto de Guarapuava, também conhecido como Terceiro Planalto Paranaense, na região central do Estado. Um importante planalto do sul do Brasil que vai desde a Serra do Cadeado até o rio Paraná, no sentido Leste-Oeste. No alto da serra esta o perímetro urbano do município de Guarapuava, a 1250 metros de altitude do nível do mar, a cidade mais alta do Estado do Paraná. (Disponível em http://www.cidadao.pr.gov.br/)

A partir dessa consideração, as pessoas passam a ser vistas como ocupantes de lugares estratégicos nessas intenções, em que a sociedade e o mercado de trabalho, enfim, o novo contexto social e econômico passa a exigir dos cidadãos a posse de atributos fomentados pela educação. Nesse ínterim, as potencialidades econômicas mais modernas começam a ser sublinhadas nesse contexto.

Abaixo, lê-se um trecho de um artigo publicado em um jornal guarapuavano, que descreve a incipiente indústria que florescia na cidade:

> Chamamos a atenção para a fábrica de cerveja do industrial Frederico Meyer, estabelecido nesta cidade, cujos produtos tiveram a ocasião de examinar e poder nos garantir sem exagerar que a cerveja aqui fabricada pode competir com a melhor cerveja fabricada em Curityba. Sendo o preço muito mais módico que a cerveja importada (1 $000) a garrafa e não tenndo os inconvenientes desta conservação com drogas nocivas a saúde, lucra o município a proteger tal indústria deixando de importar esse artigo, hoje enormemente sobrecarregado de imposto e taxa de câmbio. Militam pois, em favor do produto do município, razões econômicas e higiênicas que certamente moverão os senhores comerciantes e consumidores a dar preferência a cerveja nacional (O GUAÍRA, *APUD* KRÜGER, 2012)

Vemos nessa reportagem do Jornal O Guayra de 08 de novembro de 1897 um pouco da “diversidade industrial”, a qual os e procurava fomentar. Além do setor mateiro e fábricas de bebidas, a cidade começava a consolidar um setor têxtil e madeireiro, e no início do século XX, após a construção da estrada e da chegada da eletricidade e dos imigrantes, Guarapuava vivencia um desenvolvimento econômico, industrial, social e demográfico. Conforme Marcia Tembil (2007) vemos como nesse período, a cidade “se entregava” a inevitável modernidade republicana:

> A preocupação da sociedade guarapuavana em consumir e se comportar de acordo com os padrões de cidades maiores, a exemplo do Rio de Janeiro, ilumina a compreensão de que se estava frente à construção de uma nova dinâmica urbana que buscava estar em sintonia com a vida moderna (TEMBIL, 2007, p. 76).

Esse desenvolvimento mais dinâmico e a urbanização da cidade tiveram como carro chefe a implantação das indústrias. Gluber (2010) nos traz as primeiras e principais fábricas de Guarapuava no começo do século XX.

Entre as principais indústrias guarapuavanas no período destaca-se a “Missino&Cia. Ltda” que foi por vários anos o maior complexo empresarial e industrial do interior do Estado. Começando como uma pequena loja de comércio, a empresa passou para o ramo madeireiro com a fundação da primeira serraria a vapor. O desenvolvimento da região, que outrora andava a passos lentos, agora marchava rumo ao “progresso”.

Também percebemos que a superestrutura do sistema oligárquico rural continuou intacta após a mudança do regime em Guarapuava. Localmente, a estrutura da pirâmide social também continuava inalterável. A propriedade privada ainda era “sagrada”, e os grandes senhores de terra ainda detinham o mesmo poder político e administrativo que possuíam nos tempos do Império, ou seja, a classe dominante continuava a mesma na República, os grandes proprietários rurais. A diferença era o desenvolvimento de uma classe média urbana que se consolidava, constituída principalmente por comerciantes e soldados. Essa classe foi “reforçada” em contingente especialmente pelo grande fluxo imigratório de estrangeiros que veio de fora, fluxo esse fomentado pelos republicanos paranaenses nas primeiras décadas do século XX.

Outra parcela da população que crescia muito era a dos pobres. Tembil (2007) destaca que um dos grandes problemas dos centros urbanos republicanos que se formavam – como Guarapuava – era o grande contingente de pobres e desocupados, parcela da população essa, composta principalmente por negros, filhos e netos de ex escravos alforriados.

Gluber (2010) aponta que a população urbana de ex-escravos e seus descendestes era uma parcela bem pequena da população guarapuavana, e a grande maioria deles conseguiam trabalho ou no comércio local, ou como empregados(as) domésticos(as). O grande desafio dos poderes públicos agora, tanto municipal como estadual, era educar essa grande massa dos filhos dessas pessoas de baixa renda, e a grande ação dos governantes republicanos para isso, encontrou na criação do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava (GEVG) em 1912, a concretude institucional que fez a cidade pensar nos limites e nas possibilidades dos ideários liberais e modernizantes.

2.2 - A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM GUARAPUAVA

No início do século XIX, o colonizador Padre Chagas, tinham como único objetivo educacional, social e cultural o de catequizar, converter e batizar os índios. Alfabetizá-los em um processo de aculturação social, tinham a meta de levar a civilização aos “selvagens”. A partir da década de 20 do século XIX, surgiu o interesse de alguns poucos senhores de terras da região de dar “estudo” aos seus filhos. Com a ajuda do governo central, algumas poucas famílias privilegiadas receberam em suas instalações preceptores particulares para seus filhos serem educados na gramática, no latim, na geometria e na arte e na história sacra. Enquanto alguns índios eram somente alfabetizados e os escravos eram no máximo ensinados a falar a língua portuguesa (MACIEL, 1989).

Somente a partir de 1836 que o Império começou oficialmente a implantar a sua política de Instrução Pública no município, quando foi instituída a primeira escola isolada de primeiras letras. A professora Bibiana Bitencourt, com a sua Escola Isolada, foi a educadora pioneira do novo sistema de ensino institucionalizado. Por esse fato ela é considerada figura importante, ganhando lugar de destaque na história de Guarapuava. Segundo Maciel (1989), esta escola teve algumas peculiaridades que caracterizavam praticamente todas as escolas que surgiram em Guarapuava a partir de então, inclusive, a precariedade das condições de trabalho. Em geral, não possuíam os recursos e nem o espaço físico necessário para atender aos educandos. A segunda escola veio a ser inaugurada somente em 1843, com a nomeação do professor Severo Tristão.

Devido à lenta evolução do desenvolvimento sócio-econômico e da demografia populacional de Guarapuava, em certos momentos históricos a demanda por serviços públicos como a educação era tão baixa, que chegou a ficar inviável manter as próprias Escolas Isoladas. Mesmo após a elevação de Guarapuava à condição de cidade em 1872, não houve nenhum desenvolvimento efetivo nas últimas décadas do século XIX. De acordo com Tembil (2004), nesse período Guarapuava parecia “parada no tempo”, destoando com a tendência desenvolvimentista republicana que ocorriam nas outras cidades do Estado:

> (...) a imagem urdida pelo cenário do povoado lembra, portanto, o aspecto que se observava naquelas vilas em seus primeiros tempos tais como a configuração modesta e pacata de seu cotidiano (TEMBIL, p. 90, 2004).

Mas a “configuração modesta e pacata de seu cotidiano” foi impactada pela difusão dos ideais republicanos, liberais e modernizantes. Vimos que para alavancar o desenvolvimento dessa nova “necessidade”, como em todo o Brasil, uma das ferramentas que os republicanos se utilizavam, foi a instrução pública primária e secundária. Por conta disso, a questão educacional passou a preocupar aqueles que viveram no contexto guarapuavano. Isso se materializou na constatação de uma determinada situação avaliada como precária, ambicionando construir outra realidade educacional mais atinada aos novos tempos.

Em Guarapuava, portanto, a partir do segundo quartel no século XIX, o processo educativo “oficial” se dava por meio das Escolas Isoladas. Contudo vemos que essas escolas além de poucas, eram em sua maioria muito precárias e instáveis. Em 1861 nenhuma escola funcionou em Guarapuava (MACIEL, 1989). Em 1862, foram abertas então 5 cadeiras de Instrução Pública na então agora cidade de Guarapuava. Elas eram preenchidas pelos seguintes professores: José F. Neves; Maria Hermínia O.; Francisco X. Pimenta; Félix Antonio Condamine e Vitalina Rosa. Em 1872 foram criadas mais duas escolas primárias exclusivamente para meninas, contudo não foram encontrados na pesquisa os nomes desses(as) docentes (PARANÁ, 1874).

Em 1876 foram (re)criadas as escolas de ensino secundário em Guarapuava. Existiam 3 para o sexo masculino (1 pública e 2 particulares) e 1 pública para meninas, eram escolas de Letras (Português, Latim e Francês). Em 1881 por lei, foi decretada na Assembleia da Província do Paraná, a criação das duas primeiras escolas “promíscuas” oficiais de Primeiras Letras, a lei n° 667 de 4 abril de 1881 promulgava:

> Art. 1º Ficam criadas duas cadeiras promíscuas de instrução primária, sendo uma no bairro do Pinhão e outra no Candói, ambas no município de Guarapuava. Art. 2º Os professores para regerem essas cadeiras serão contratados, e, em igualdade de condições, serão preferidas senhoras (PARANÁ, 1884, pag. 276*, apud* MACIEL, 1989).

Podemos destacar alguns aspectos dessa lei. Primeiro, é interessante observarmos o quão grande em extensão territorial era o município de Guarapuava. As cidades de Pinhão e Candói,[10] emancipadas já há muitos anos, na época eram apenas "bairros" de Guarapuava. Essas localidades, naquele ano, tiveram pela primeira vez a presença do Estado por meio da criação dessas escolas. Vale a pena ressaltar que, no século XIX, os 'Campos de Guarapuava' abrangiam metade dos atuais estados do Paraná e Santa Catarina. Ainda em 1881, o decreto lei nº 449 de 26 de março promulga a "criação de mais 3 escolas secundárias na cidade, de Geografia, História Pátria e Língua Francesa" (PARANÁ, 1881, p. 20).

Em 1882 foram criadas pela primeira vez em uma cidade do interior da província, 'escolas noturnas'. O município de Guarapuava, pela demanda, foi escolhido como sede deste novo modelo de educação. Aqui foram criadas duas escolas noturnas para alfabetização de adultos, uma do professor Luiz Daniel Cleve e a outra de Luiz Yahuk (MACIEL, 1989). Essas escolas tinham como público alvo principalmente cidadãos alistados que não soubessem ler e ex-escravos. Ainda Segundo Maciel (1989), a partir de 1884 a educação guarapuavana entrou novamente em "crise". Devido a baixa demanda, a presidência da Província fechou algumas escolas de primeiras letras, restando em 1896 apenas 4 em Guarapuava, duas na cidade e mais duas nos bairros/distritos. Na década seguinte, após a construção da estrada até Ponta Grossa em 1901, o número de escolas aumentou, principalmente no interior do município. Até 1906, já haviam sido criadas escolas nos distritos de: Therezinha, Cedro, Voturerava, Candói, Laranjeiras, Marrecas, Morro Alto, Pinhão, São João do Capanema e Vassouras. Conforme pesquisado na Edição Comemorativa do Centenário da Independência do "Almanaque dos Municípios" de 1922, os últimos 3 professores de Escolas de Primeiras Letras, antes da criação do Grupo Escolar que lecionaram a partir de 1905 foram: Fernandina N. Amaral, Amélia S. Araújo e Amálio P. da Silva, e em 1907 também lecionou Antônio G. de Oliveira (ALMANAQUE, 1922).

[10] O Município de Candói foi criado em 27 de agosto de 1990, pela Lei Estadual nº 9553, tendo seu território desmembrado de Guarapuava, a instalação oficial deu-se em 1º de janeiro de 1993. O Município de Pinhão teve sua emancipação política em 18 de fevereiro de 1964, de acordo com a Lei n° 4823, sendo instalado oficialmente em 14 de março de 1965. (Disponível em BARSA SABER: brasil.planetasaber.com)

Simultaneamente em 1909 foram criados por Xavier da Silva os projetos dos Grupos de Guarapuava e Ponta Grossa, tendo ambos suas construções realizadas entre 1910 e 1911 e inaugurados em 1912. A cidade, assim, contaria com uma instituição de ensino pública que atendia às determinações sociais e ideológicas da “nova” República Velha.

CAPÍTULO 3

DIFERENTES OLHARES PARA O GEVG

3.1 - Grupo Escolar Visconde de Guarapuava – Fundação e História

A construção do GEVG foi bem lenta, pois sua inauguração aconteceu apenas quase 2 anos depois do início das obras, por meio do Decreto Lei Nº 324 de 13 de abril de 1912, sancionada pelo Presidente da Província Carlos Cavalcanti de Albuquerque. Dos 10 grupos planejados na gestão de Xavier da Silva o primeiro a ser inaugurado foi o de Guarapuava em 13/04/1912.[11]

Na concorrência pública para edificação da casa escolar, a licitação determinava que os construtores teriam que seguir uma planta arquitetônica pré-definida, com padrão simples: 4 salas de aula de 5,62 por 9 m. cada e 2 gabinetes com 3,85 por 2,28 m. cada, a partir disso cabia aos construtores definir alguns detalhes como: telhado, janelas, piso e principalmente, as paredes. Vargas (2009) aponta que nessa parte da construção, nas paredes, estava o principal "problema" dos Grupos Escolares Paranaenses, segundo o Secretário de Obras, De Camargo, as paredes eram muito espessas, sendo um desperdício de material de construção e consequentemente de dinheiro público, o que não se repetiria nas próximas construções:

> Pretendendo esta Secretaria construir diversas casas escolares em varias localidades do Estado, foram pela Directoria Technica confeccionados diversos typos para esses prédios, sendo notável a economia que aquella Directoria introduzio nos respectivos projectos, graças a reducção das exaggeradissimas espessuras com que até aqui eram feitas as paredes dessas casas, o que constituía um verdadeiro attentado aos cofres do Estado, pois que nenhum motivo de ordem technica justifica o desperdício de material que se nota nessas construcções em todo o Estado (PARANÁ, 1913, p. 115).

[11] Xavier da Silva deixou a presidência do Palácio Iguaçu apenas 2 meses antes da inauguração do Grupo Escolar em Guarapuava, em 25 de fevereiro daquele corrente, ficando com seu sucessor – e adversário político – Carlos Cavalcanti o bônus (e o ônus) dessas construções. Conforme aponta Carneiro&Vargas (1995), da Silva ainda se utilizou da fama de ter sido o edificador dessas casas escolares como plataforma eleitoral para as campanhas ao Senado Federal que ele venceu em 1915. Já Carlos C. de Albuquerque e sua equipe de governo, consideravam essas obras realizadas por seu antecessor como mal feitas e um erro do Estado. Tomando por base o pensamento de Vargas (2009), vemos que as principais críticas contra as casas escolares concebidas por Vicente Machado e edificadas por Xavier da Silva partiam dos secretários do presidente Carlos Cavalcanti, principalmente Marins Alves de Camargo, Secretário de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização; e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Superintendente da Directoria Geral de Ensino do Estado.

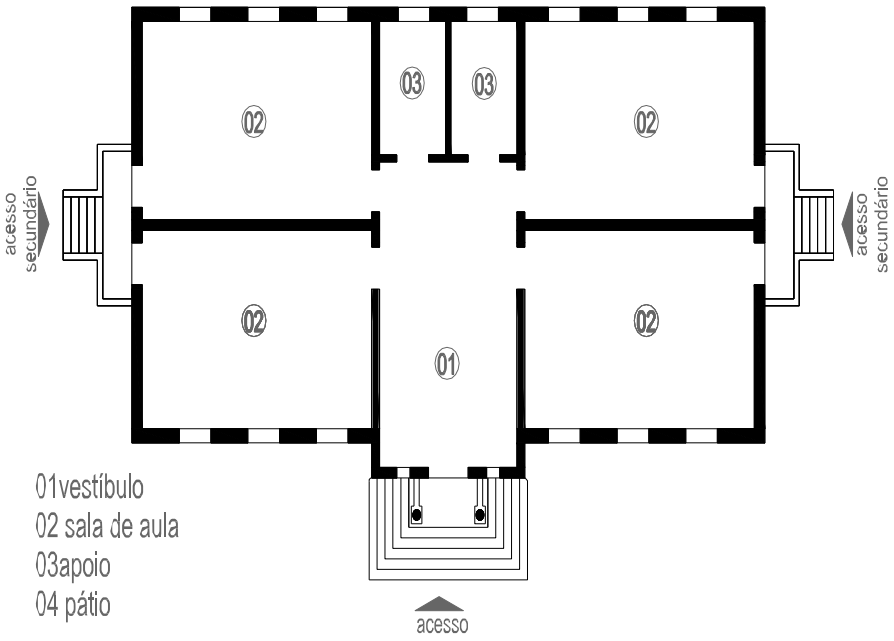
O Grupo Escolar de Guarapuava não fugia a essa regra, debatendo com as fontes da Caixa de Correspondências (1909), vimos que seja qual foi dos dois construtores da cidade que edificou o prédio, ele possuía paredes bem grossas. Pois de acordo com as duas propostas de construção, a de Marcondes e a de Bianco: “as paredes teriam um tijolo e meio de grossura”, isso fora o reboco (interno e externo), considerando que os tijolos de barro maciços (que eram os utilizados no Brasil no início do século XX) tinham em média 30 cm. de largura, o resultado final do Grupo em Guarapuava foi um prédio com paredes de no mínimo meio metro de espessura.

Após edificado, mais um fato interessante a ser analisado: a mobília do Grupo, as carteiras, só foram adquiridas 1 ano depois:

> Ofício:
> Gabinete da Prefeitura Municipal de Guarapuava, 18 de agosto de 1913.
> Ex. senhor Secretário do Interior em Curityba
> Tenho a honra de informar a V.Exª que na data de 28 de julho próximo recebi nesta as cinco mobílias destinas ao Grupo Escolar, cuja frete impostou em $291¢000 (duzentos e noventa e um réis) pagos por essa prefeitura. Prefeito Bernardino Roseira (GUARAPUAVA, Ata Prefeitura, 1913)

Dialogando com as outras fontes a partir desse documento oficial, ao analisarmos o fato contido nesse edital, vemos que a situação do GEVG vai ao encontro de algumas assertivas: de Maciel (1989) sobre a “precariedade e desorganização da instrução pública guarapuavana”; essa situação corrobora também na aceitação da afirmação de Kruger (2012) acerca da “dificuldade da municipalidade e falta de autonomia” e principalmente com a máxima de Hilsdorf (2003) de “total desinteresse do poder público”.

O Grupo ficava situado em prédio próprio ao lado da Catedral Municipal de Guarapuava à Rua Capitão Virmond. Ele possuía a seguinte configuração arquitetônica, padrão:



(FIGURA 3.1: “Planta de Grupo Escolar” Paraná. Departamento de Obras e Viação – FONTE: Acervo da Coordenadoria do Patrimônio do Estado. *apud* CASTRO, 2009).

Exceção feita ao primeiro Grupo Escolar, o Grupo Xavier da Silva em Curitiba que era em formato de “U”, todos os outros a seguir seguiam esse projeto padrão de construção. Os grupos de Castro, Palmeira, Guarapuava e Ponta Grossa, além do 2º e do 3º Grupos construídos na capital também possuíam esse mesmo modelo arquitetônico, o Cruz Machado e o Professor Cleto respectivamente.

A divisão do prédio buscava, ao menos na teoria, atender às demandas higienistas e pedagógicas da época. Por vezes, o Estado demonstrava-se “satisfeito” com as obras realizadas em toda província:

> As nossas actuaes casas escolares são, em regra, de bello estylo architectonico, têm todas as condições de aeração e de luz, dotadas umas de quatro amplos salões, outra apenas de dous: nas de quatro salões pudemos installar as quatro séries do ensino, uma a cargo de cada professor, - é o nosso *grupo escolar*; nas de dous salões deixamos cada professor com duas séries, é o *semigrupo* (PARANÁ, 1915, p. 3-4).

Segundo Elizabeth A. de Castro (2009) acerca da arquitetura desses Grupos Escolares, na primeira metade da década de 1910 especialmente no ano de 1912, ultimo ano de governo de Xavier da Silva, houve uma “explosão” de construções desses prédios com arquiteturas marcantes. Destacando-se nessas obras, o já mencionado caráter identificador que caracterizava o fim ao qual o prédio se destinava, sem precisar colocar a “plaquinha”.

A intenção arquitetônica dos idealizadores e realizadores do projeto dos Grupos Escolares buscavam fazer a população assumir o prédio como um braço forte do Estado, com caráter cívico e doutrinador. Inaugurações de Grupos Escolares aconteceram por todo o Estado na despedida de Xavier da Silva em 1912: em Araucária, Piraquara, União da Vitória, Prudentópolis, Imbituva, São José dos Pinhais e mais 3 Grupos em Curitiba (CASTRO, 2009).

Paulo de Nóbrega faz uma crítica interessante acerca da quantidade e da qualidade desses agrupamentos: “ainda se mantinha a concepção de que a cada sala de aula correspondia uma escola, tratadas ainda como escolas isoladas agrupadas” (NÓBREGA, 2014, p. 107).

Corroborando o pensamento desse autor, podemos considerar que em um primeiro momento, esses Grupos Escolares na prática não funcionavam como “uma” instituição de ensino na acepção da palavra, mas sim como “várias” instituições juntas. Na teoria, o projeto que era de reunir as Escolas Isoladas continuou apenas como um projeto, porém, na prática o que ocorreu foi apenas o agrupamento físico das Escolas Isoladas. Com efeito, o próprio Estado tratava o projeto ‘escolas reunidas’.

Ou seja, as classes ou séries estavam reunidas em um mesmo edifício, mas não agrupadas administrativamente e/ou pedagogicamente. Esse problema de gestão escolar atravessou toda a década de 1910, foi a questão da “quantidade VS. qualidade” nos Grupos Escolares paranaenses, situação essa que, segundo Nóbrega (2014) só começou a melhorar a partir dos anos de 1920 quando Cezar Pietro assumiu a chefia da educação paranaense. Em pouco menos de uma década, o Estado que possuía 4 Grupos, passou a ter 40 Grupos Escolares no início dos anos de 1920. Contudo esse aumento expressivo no número de prédios escolares, não significou necessariamente um aumento na qualidade de ensino, em que pese ao aumento do número de vagas ofertadas: “Apesar disso, a maioria dos grupos escolares criados e construídos entre 1903 e 1914 não seguiram os critérios pedagógico-científicos considerados ideais” (NOBREGA, p. 115, 2014)

Em Guarapuava, quando do advento do Grupo Escolar em 1912, existiam 5 cadeiras de Primeiras Letras na área urbana do município (atual centro). Essas Escolas Isoladas estavam a cargo dos(as) mestres Arthur Vitorino Passos, João Anastácio Delê, Ana Luiza Guimarães Camargo, Antônio Gasparelo e Luiza Plets Espíndola. O Inspector Geral de Ensino Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo escolheu Arthur Vitorino Passos para ser o primeiro *director* do Grupo Escolar Nº 4, o responsável pela educação na Província escolhia pessoalmente os diretores dos Grupos Escolares:

> Reuni escolas systematisando e dividindo os trabalhos, por series, entre os respectivos professores e confiando a um destes a funcção de director; formei, assim o que em falta de melhor denominação, chamamos grupos e semi-grupos escolares.(PÁRANA, 1915, p. 3-4).

Padilha (2010) nos elucida que Xavier da Silva dava total autonomia para a escolha dos diretores. O Inspector então, fazia reuniões e escutava professores, representantes da igreja e das comunidades locais e principalmente políticos para suas nomeações. Segundo a análise documental realizada, tanto nos documentos oficiais e no levantamento bibliográfico, encontramos apenas a data de início das atividades dos mestres, o ano que entraram no Grupo, mas não o ano que saíram.

Conforme vemos em Gluber (2010), Almanaque (1922), Kruger (2012) e Paraná (2012), a ocupação do cargo de diretor do Grupo Escolar de Guarapuava era estável e duradoura, a dos professores, nem tanto. O primeiro diretor, Arthur V. Passos ficou no cargo por 10 anos, de 1912 a 1922, tendo nos últimos 4 anos de sua gestão, o auxílio do professor Antônio Tupy Pinheiro na administração e docência da escola. Por 3 ocasiões, em 1913, 1915 e 1919 Arthur V. Passos além da direção, assumiu também a docência de turmas. Datada de 1912, temos abaixou a primeira foto do Grupo Escolar Nº 4:

(FIGURA 3.2: “Grupo Escolar de Guarapuava” FONTE: Painel da Casa da Cultura– Biblioteca Municipal de Guarapuava)

Como já vimos, era como os outros Grupos Escolares, com esse modelo arquitetônico simples e padrão, tinha dois ‘gabinetes’ de 3,85 m. por 2,28 m. e quatro salas de aula, de 9m. por 5,62 m. cada uma (CASTRO, 2009). Nelas funcionavam 8 turmas promíscuas (meninos e meninas), 4 pela manhã e 4 de tarde, da 1ª a 4ª série nos 2 turnos, o número de professores variava entre 4 e 8 no Grupo Escolar. De acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP – da instituição após a primeira grande transição de cadeiras no mesmo ano da primeira formatura em 1916, tivemos 2 anos depois, mais mudanças. Assumiram as cadeiras de Primeiras Letras em Guarapuava os(as) seguintes mestres em 1918: Dario Nogueira dos Santos, Matilde Baher e Cândida Lopes Pereira. E em 1919 assumiram Antônio Tupy Pinheiro, Rita Pinheiro e Maria Rosa dos Santos (PARANÁ, 2012).

Apenas em 1920, o Grupo Escolar, que passou a ser denominado Antônio de Sá Camargo, o Visconde de Guarapuava (PARANÁ, 2012). De acordo com Kruger (2012) o batismo do Grupo Escolar foi orquestrado pelo Governador do Estado Afonso Camargo e pelo prefeito Mario Pimentel de Camargo. Ambos os políticos eram guarapuavanos e descendentes do Visconde de Guarapuava, um dos “fundadores” da cidade e patriarca da família Camargo. Kruger (2012) nos aponta que tanto o prefeito quanto o governador, determinaram que desde sua (re) fundação, o agora rebatizado GEVG, através de suas lideranças, buscaria a excelência e a modernidade do ensino, manifesta em um conjunto de ações realizadas pelo Estado:

> Durante o anno de 1914, foram postas em execução nesta Capital e em diversas outras localidades que eu pude visitar, as instrucções que foram expedidas por esta Directoria e approvadas pela Secretaria do Interior (Portaria n. 4 de 17 de Janeiro de 1914) para a reorganisação das escolas publicas primarias, sendo o ensino dividido em quatro series, com um programma comprehensivo de todas as disciplinas essenciaes para a educação popular, de accordo com os mais adeantados ensinamentos da pedagogia (PARANÁ, 1915, p. 3).

Vê-se a tentativa de consolidação do "conceito" de Grupo Escolar nos "agrupamentos" de Escolas Isoladas que existiam nos prédios construídos, porque na realidade, era isso que eram os Grupos paranaenses. Segundo Nóbrega (2012), esses agrupamentos de escolas só viriam deixar de ser um mero agregado de escolas isoladas a partir da década de 1920, quando o governador do Estado Afonso Camargo nomeou o educador e político paulista Cezar Pietro Martinez como o novo Inspetor Geral de Ensino do Paraná. Durante a década de 1920, ele começou a implementar nos Grupos paranaenses os conceitos pedagógico/administrativo das escolas graduadas paulistas que, por quase 30 anos, administrou naquele Estado.

Entre as principais mudanças orquestradas por Martinez estavam: a verdadeira união das Escolas Isoladas, uma seria interligada a outra; a sistematização do ensino e das regras pedagógicas e disciplinares; rigidez administrativa e pedagógica; a criação da figura do inspetor interno; a criação do setor da secretaria escolar e a hierarquização geracional. Contudo esse processo foi lento e gradativo, e demorou alguns anos para se consolidar.

Em Guarapuava, a partir de 1921, o vice diretor Antônio T. Pinheiro ajudou o diretor Arthur V. Passos a implementar essas mudanças no GEVG. Contudo, conforme Nóbrega (2012), o "problema" do agrupamento de escolas ainda perdurou por quase toda a década de 1920. Apesar do aumento expressivo na criação de cadeiras e da oferta de vagas, o ensino ainda pecava no quesito qualidade pedagógica. Tupy Pinheiro assumiu a direção do GEVG em 1922, mas não conseguiu implementar a escola graduada em sua plenitude, no mesmo ano assumiram cadeiras em Guarapuava 3 professoras: Anna Andrade Pinheiro, Mari Rosa dos Santos e Hilária G. Fernadez (KRÜGER, 2012).

Nessa época, o presidente da República Epitácio Pessoa tinha feito em 1920 um censo no Brasil. Contudo os dados foram divulgados e utilizados apenas em 1922 por Artur Bernardes. Esse foi também um censo escolar, no qual foram contabilizadas e levantadas todas as cadeiras e seus respectivos mestres de todas as Escolas Isoladas do Brasil. Para divulgar esses dados para o grande público, o então Presidente da República Arthur Bernardes contratou um novo Diretor de Propaganda para o governo federal, o jornalista curitibano Alberico Figueira, Idealizador do “Almanaque dos Municípios”. Essa revista não era periódica. Ela era publicada apenas em edições especiais em determinadas ocasiões, como na edição comemorativa do Centenário da Independência, nela é dedicada uma sessão para Guarapuava. O Almanaque dos Municípios, apesar de ser uma revista privada, era patrocinada pelo Governo Federal e vinha com o Brasão da República em suas capas. Nela, os dados apresentados eram oficiais, obtidos junto a Câmara Municipal, esses dados divulgados traziam os nomes de todos os “proprietários” de cadeiras em Guarapuava.

Os nomes e as datas são os mesmos encontrados em outras fontes, contudo, o detalhe que os diferencia é como eles são apresentados. Antes de apresentar a lista dos professores, a revista traz todo um editorial. No texto tecem-se elogios ao GEVG, exaltando o quão “belo” e “confortável” ele era, numa clara alusão de apoio aos Grupos (escolas reunidas) e o que eles representavam para a Nova República.

> No ano de 1912 foi construído um belo prédio na cidade onde funcionou o Grupo Visconde de Guarapuava, com amplas salas, bem mobiliadas, carteiras com porta tynteiros e com amplas janelas, ficando o recinto bem arejado e confortável com 4 salas, almoxarifado e gabinete da diretoria e então as escolas isoladas passaram a ser as ‘escolas reunidas’. (ALMANAQUE, 1922, p. 157)

Percebe-se nesse trecho do editorial do capítulo da Instrução Pública em Guarapuava do Almanaque (1922), o tom entusiasta do jornalista, típico dos jornais que apoiavam o regime republicano, enaltecendo os grandes feitos da Nova República. O GEVG era retratado como “perfeito”, um dos melhores Grupos Escolares do Estado.

Contudo, há indícios que dão conta de uma realidade um tanto diferente do que tentava mostrar periódicos como esses, que eram patrocinados pelo Estado. Certa ocasião, no dia da visita do chefe da educação paranaense, o diretor Tupy Pinheiro estava ausente. Fato esse, que pode ser constatado nos relatórios do *Inspector* Geral de Ensino quando da sua primeira visita oficial a cidade, no qual ele reuniu os responsáveis pelas cadeiras de instrução primária do GEVG. No documento oficial, datado de 20 de fevereiro de 1924, o Inspetor César Prieto Martinez em seu relatório pessoal, constatou:

> Encontrei o grupo de Guarapuava funccionando com três professores e o seu director, Snr. Antonio Tupy Pinheiro, auzente. A impressão que recebi não foi das melhores. Pequena matricula, apenas 100 alunos, dos quase 85 eram presentes. O predio denotava certo abandono: portões de entrada, quebrados; quase todas as vidraças sem vidro; predio necessitoso de reformas e pinturas. [...] a Prefeitura Municipal estava tomando providencias no sentido de melhorar o predio escolar (MARTINEZ,1924, p.230).

Verificada a precariedade do Grupo Escolar de Guarapuava, o chefe claramente ficou muito insatisfeito com o que viu e mudanças aconteceram. O professor Antônio Tupy Pinheiro foi demitido do cargo de diretor do Grupo Escolar do município, juntamente com ele, todo o corpo docente foi renovado de 1924 para 1925 (KRÜGER, 2012).

O Almanaque dos Municípios (1922) nos traz mais alguns dados que consideramos pertinentes para este trabalho. Na publicação é apresentada de forma detalhada, além de todos os números oficiais, também como eram realizados alguns dos rituais específicos das chamadas “escolas graduadas”, como o exame final. Na sessão “Instrução em Guarapuava”, falando sobre o Grupo Escolar e as outras escolas da cidade, o jornalista Alberico Figueira apresenta as seguintes informações:

> No ano de 1921, seu diretor com mais dois professores fizeram o exame regularmente, apresentando uma exposição com belos trabalhos, e sendo o total de 150 alunos frequentando, no primeiro ano 78 com freqüência de 50. Destes foram alfabetizados um regular número de 45 alunos. Neste corrente ano, foi feito um dos exames de promoção do primeiro ano onde passaram para o segundo ano 15 alunos, o que isso prova a boa aplicação do método analítico. No final desse ano, foi realizado

> mais um recenseamento escolar para saber perfeitamente a população a população infantil. Com o Distrito de Laranjeiras conforme os dados estatísticos havia 974 crianças de 7 a 14 anos e com o distrito de Palmeirinha tinham ao todo 1420 alunos, todos na idade escolar. Também o município de Curityba com seus 78.986 habitantes existia uma população infantil em idade escolar de 16.641, calcula-se que o município de Guarapuava com seus 41.434 habitantes e, estabelecendo uma relatividade com a capital Curityba, tenha uma média de 10.400 crianças em idade escolar. Guarapuava sempre contou também com bons educandários particulares, o número é de 500 alunos, sendo que 400 frequentam as escolas. (...) Escola Profº Elias Metynovky 67; Colégio São José 120; Colégio N. Srª de Belém 113; Instituto Profº Becker 40; {outras escolas 60} (ALMANAQUE, 1922, p. 157)

Sobre essa passagem, primeiramente, analisemos esses números. Grande parte das crianças não tinha acesso à educação na cidade, nem pública e nem particular. Das cerca de 10 mil crianças do município em idade escolar, apenas 1400 frequentavam os bancos das escolas. Essa quantidade totaliza menos de 15% delas. Dos 1400 alunos, metade deles estava nos colégios, cerca de 500 nos particulares e 200 no GEVG, e a outra metade em Escolas Isoladas públicas.

Conforme o Almanaque (1922), existiam nesse ano em Guarapuava 57 professores, 27 públicos e 30 nos colégios e escolas particulares. Dos 27 públicos, como 7 – contando com o diretor – estavam lotados no Grupo Escolar, os demais estavam espalhados em 20 Escolas Isoladas de Primeiras Letras e Secundárias nos bairros, na zona rural e nos distritos; esses professores eram responsáveis por cerca de 700 alunos.

Os Grupos paranaenses normalmente possuíam 200 alunos, apesar do modelo padrão de 4 salas terem sido projetados para mais de 30 alunos, em média a lotação era de apenas 20 por sala. No GEVG apenas 150 alunos frequentavam. Dos 150 alunos do Visconde, 78 deles, cerca de metade, estava no primeiro ano, ou seja, prioridade absoluta pelo nível basilar mínimo de ensino. Sobrando os outros 72 alunos, dividindo eles em 6 turmas (2 segundos, 2 terceiros e 2 quartos) temos uma média de apenas 12 alunos por turma.

Por dedução, podemos acreditar que a cada série diminuía o número de alunos, porque a média de alunos do segundo ano caía para 15 crianças apenas.[12] Sobre a desistência dos alunos, O Almanaque (1922) nos aponta que, dos 78 que entraram apenas 50 continuaram e somente 45 foram "alfabetizados".

No exame final de uma das turmas do primeiro ano, apenas 15 foram aprovados, lembrando que os primeiros anos tinham uma média de 39 matriculados. Ou seja, a grande maioria reprovava, mais da metade da turma. De quase 40 crianças no primeiro ano, apenas 15 chegavam ao segundo, até porque muitas delas já eram consideradas "alfabetizadas" apenas com o primeiro ano. Sobre os procedimentos pedagógicos, é possível perceber como o exame final do primeiro ano era extremamente difícil e seletivo, ocasionando um grande número de reprovações e desistências. Analisando os números apresentados pelo Almanaque (1922), vemos que os exames do segundo para o terceiro ano e do terceiro para o quarto ano eram bem mais fáceis, visto que o número de reprovações era bem menor nessas séries. Saviani (2004) afirma que o exame final era um ritual típico da escola graduada, ele era a ferramenta avaliativa do professor e a meta necessária para os alunos subirem de nível.

Outra prática que acontecia no Grupo Escolar era a apresentação de trabalhos. Novidade que não existia nas Escolas Isoladas, essa dinâmica fazia parte da metodologia de ensino praticada nos Grupos Escolares, o já mencionado método intuitivo, ou a "Lição de Coisas" de Rui Barbosa implementada no Brasil no início do século XX. Segundo Schelbauer (2010) esse método e suas práticas pretendiam:

> Despertar e aguçar o sentido da observação, em todas as idades, em todos os graus de ensino, colocar a criança na presença das coisas, fazê-las ver, tocar, distinguir, medir, comparar, nomear, enfim, conhecê-las, este é o objetivo das lições de coisas no ensino primário(...) (SCHELBAUER, 2010, p. 13)

[12] Verificamos posteriormente no Livro Ata do GEVG que no 4º ano, a média nunca ultrapassava o número de 10 alunos, entre 6 e 8 infantes por ano terminavam o primário, a maioria absoluta desistia depois do primeiro ano. Nesse sentido, ao identificarmos alguns alunos da foto da primeira turma de formandos do GEVG de 1916 – da qual fazia parte a minha avó Jocelina Prestes – podemos acreditar que aquela meia dúzia de crianças ali identificadas, podem muito bem ser a turma toda, visto que, por esses números, poucos dos que entravam, conseguiam chegar ao 4º ano, e terminarem o 'curso' primário.

Nesse sentido, a apresentação de trabalhos era utilizada como ferramenta pedagógica no intuito de estimular na criança a aprendizagem, fazer o discente construir seu próprio saber, o aprender fazendo. Fontes jornalísticas como o Almanaque (1922) e bibliográficas como Kruger (2012) nos mostram que eram trabalhos artísticos; geralmente, desenhos feitos pelos alunos sobre temáticas propostas pelo professor, ou então, apresentação de peças teatrais ou corais, normalmente com temas históricos ou religiosos, sempre em tom ufanista.

Após as mudanças no corpo docente que aconteceram em 1924 e 1925, passa a compor o quadro de professores da instituição as professoras Juliana Ramos de Macedo, Angelina C. de Medeiros, Judite Guedes, Maria do Belém Teixeira, Judite Barbosa Margarida, Cidália Camargo e Dalila Pimpão. No período compreendido entre 1922 e 1926, foi a época em que mais professores trabalharam ao mesmo tempo no Grupo, chegando ao número de 7, mais o diretor Hercílio Margarida (GLUBER, 2010). Em 1927, tem-se a informação que foi o último ano em que ocorreram essas mudanças “em massa” no corpo docente do Visconde, todo o quadro de professores foi novamente mudado e assumiram os cargos as mestras: Alcinda Rocha Loures, Maria de Jesus Boa Morte, Conceição Cleve, e Eugênia Boamorte.

Sobre essas contínuas mudanças no quadro de professores do GEVG, faz-se necessário a constatação de que o corpo docente da instituição se feminizou. Vicentin & Herold Júnior (2012) destacam que a gradativa feminização do magistério foi uma das tendências nos Grupos Escolares nas primeiras décadas do século XX no Brasil, no Paraná e em Guarapuava isso também ocorreu.

> Em um processo de grande complexidade e multicausal [...] a necessidade e a possibilidade de se pagar menores salários ao magistério, redundou, por sua vez, em uma aceleração do abandono da profissão por homens, aumentando a demanda por mulheres. Os homens que permaneciam no campo escolar acabam sendo direcionados e/ou buscavam cargos relacionados a direção, inspeção, etc... (VICENTIN & HEROLD JUNIOR, 2012, p. 60)

Essa tendência foi percebida ao longo das duas primeiras décadas de existência do Grupo Escolar de Guarapuava. Conforme o atual PPP do CEVG, quando de sua formação em 1912, o Grupo possuía três homens e duas mulheres, a cada chamada pública para assunção de uma cadeira, essa proporção ia se invertendo, até o início da década de 1920 praticamente todo o corpo docente já era feminino, com exceção do professor Tupy Pinheiro. (PARANÁ, 2012)

Nessa época, a instituição marcou-se pela defesa do civismo, patriotismo, disciplina, hierarquia, companheirismo entre outros princípios que eram propagados para a sociedade por meio dessas instituições de ensino. Nessa direção, destacou-se, no seu interior, o Escotismo, que, como atividade extracurricular, contribuiu na difusão desses valores.

Segundo Herold (2007), o GEVG foi uma das instituições públicas de ensino pioneiras no Paraná na implementação do escotismo em suas dependências. O autor faz um levantamento acerca das relações entre o escotismo e a educação corporal escolarizada do corpo da infância e da juventude entre as décadas de 1920 até o final da década de 1930. Sobre o escotismo no GEVG:

> A realização das práticas escoteiras no Grupo Escolar Visconde de Guarapuava deu-se depois de ampla divulgação das bases e das justificativas relativas ao valor do escotismo para a "regeneração da nossa raça depauperada". Essa "regeneração" era avaliada como uma "sagrada responsabilidade" que, para acontecer, deveria fazer frente a "todas resistências" (HEROLD JR, 2011, p. 11).

Contudo, em que pese à instituição ter sido um dos locais para a implementação de modernidades pedagógicas, como o Escoteirismo, novamente registraram-se relatos que indicam problemas enfrentados por professores e alunos do Grupo Escolar em diferentes momentos de sua história. Uma das análises mais críticas nesse sentido elaborada por Eurico Branco Ribeiro (1929).[13]

[13] Eurico Branco Ribeiro, guarapuavano, foi um médico sanitarista e filantropo da época, que fazia consultoria voluntária para o Estado. Em 1928 ele fez uma análise pública da situação econômica, social, sanitária e escolar do município de Guarapuava no livro/relatório "O Coração do Paraná" (1929).

Ele focalizou a questão educacional por meio de uma perspectiva sanitarista partindo da dura constatação de que Guarapuava sempre foi mal servida de escolas. O sanitarista era um crítico do sistema como eram construídos os Grupos Escolares, em especial, o Grupo Visconde de Guarapuava. Com a construção do prédio ao lado da Catedral sob uma planta então adaptada pela "Inspectoria Geral do Ensino do Paraná", o médico ao analisar a obra concluiu simplesmente que "o edifício não corresponde aos seus fins". Segundo a ótica do médico sanitarista, a concepção do prédio deu-se com equívocos arquitetônicos que iam contra as disposições já conhecidas sobre como se pensava ser um espaço escolar adequado que facilitasse o trabalho de ensino–aprendizagem. Vejamos as "duras" palavras do médico Ribeiro acerca do projeto arquitetônico do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava no relatório de 1928 publicado em 1929:

> Para se avaliar o que seja esse edificio sob o ponto de vista da hygiene escolar, basta dizer que na metade das salas os alunos recebem luz pela direita e pelas costas, achando-se as llousas, em todas ellas, collocadas ao longo das paredes lateraes, sem ter despertado a menor preoccupação a incidência dos raios luminosos. Felizmente o governo do Estado reconheceu o erro e hoje não admitte mais a construcção de edifícios escolares do typo desse que ficará em Guarapuava para demonstrar, com prejuizos evidentes para as creanças que por alli passarem, a cegueira incompreensível de pretensos architectos do século presente. (RIBEIRO, 1929, p.61-62).

Para dar corpo a seus comentários, Ribeiro além de falar da estrutura arquitetônica ter sido concebida erroneamente, uma das principais ênfases em suas críticas era sobre a higiene. Sobre a sujeira e o 'desleixo' que ele encontrou nas dependências da instituição, principalmente nos banheiros; onde além de mal cuidados, existiam apenas dois vasos sanitários para todos os alunos e professores:

> Se o edifício em si já apresenta inconvenientes, suas instalações defeituosas as multiplicam. Privadas existem somente duas, no pateo que circundam o prédio, juntinhas uma da outra, despejando ambas na mesma fossa absorvente. O caixão do assento vive imundo; há papeis servidos por todos os cantos. E o interessante é que cada uma dellas é destinada a um sexo – duas unicamente pra uma escola cuja matrícula anda por 150 alumnos!! (RIBEIRO, 1929, p. 62)

Como se vê, a avaliação do médico sanitarista simplesmente “reprovou” o GEVG. Após a publicação desse relatório, a direção do Grupo Escolar foi novamente trocada, saindo Hercílio Margarida e assumindo o cargo o professor Amarílio Rezende de Oliveira. Contudo, infelizmente, não foi encontrada a data precisa dessa mudança. O Projeto Político Pedagógico atual da instituição afirma que a mudança ocorrera no ano de 1928 (PARANÁ, 2012).

Após essas duras críticas, Amarílio Rezende inaugura uma nova fase no GEVG, acompanhando as mudanças políticas municipais, estaduais e federais. A partir de 1930, devido a Revolução Federalista liderada por Getúlio Vargas, uma junta militar comandada pelo Coronel Antonio Vilaça instalou o “Governo Provisório” no Paraná. Em Guarapuava, foi nomeado o Coronel Augusto Gomes de Oliveira para o Governo Provisório do Município (GLUBER, 2010).

Durante esse período de intervenção administrativa dos militares no Paraná e em Guarapuava[14], uma das primeiras ações dos coronéis Vilaca e Oliveira a frente das ações públicas, foi determinar uma grande parada militar cívica na cidade de Guarapuava, um desfile militar. Encarregaram a organização desse evento ao então ‘prestigiado’ diretor do GEVG, professor Amarílio Resende de Oliveira (KRUGUER, 2012, p. 210). Gluber (2010), Kruguer (2012) e o PPP da instituição PARANÁ (2012) verificam que o professor Amarílio Resende de Oliveira, depois do professor Arthur V. Passos, foi o diretor que ficou mais tempo no comando do GEVG, 8 anos, de 1928 a 1936.

Depois da última grande mudança no corpo docente do Visconde no final da década de 1920, na década seguinte – sob a direção do professor Amarílio – de acordo com as fontes pesquisadas, “aparentemente” a situação se estabilizou.

[14] Esse período de ‘intervenção militar’ ocasionou uma grande perda para o campo historiográfico em Guarapuava. Durante a pesquisa de campo para levantamento de fontes, um dos locais que estive foi na Câmara Municipal de Guarapuava. Lá existe um arquivo histórico do município onde encontram-se muitos documentos oficiais desde a época do Império, muitas das fontes citadas nesse trabalho foram encontrada lá, inclusive dados sobre as Escolas Isoladas e o Grupo Escolar. Em uma das conversas que tive com o servidor municipal que é chefe desse setor, senhor Ronaldo Casagrande, ele me informou que a partir do “golpe” militar de 1930 os setores de documentação do município, tanto da Câmara quanto da Prefeitura simplesmente foram fechados. Principalmente o poder legislativo, sua sede e seus funcionários “encerram suas atividades” por vários anos. Todos os atos oficiais praticamente cessaram-se, e não se tem registros na Câmara Municipal de visitas ou inspeções sanitárias nem de médicos, fiscais ou inspetores de ensino durante toda a década de 1930 no Grupo Escolar Visconde de Guarapuava.

Sobre a década de 1930 no GEVG, outra fonte foi encontrada para a pesquisa: a revista “O Combate Educativo” sob a chefia do editor Tupy Pinheiro. Nela há os nomes de todas as professoras de Primeiras Letras, bem como os nomes das titulares das novíssimas cadeiras criadas de Professoras Normalistas, todas formadas nos Cursos Normais Regionais fora do município, a maioria egressa dos Grupos dos Campos Gerais, especialmente Ponta Grossa. Esses Cursos Regionais são os “verdadeiros” Cursos Normais, aquelas que dão a titulação de Professora Normalista nível de Secundário (VICENTIN & HEROLD JÚNIOR, 2012). A formação desses cursos era muito mais ampla e complexa que o Normal Complementar e se dava com duração de 4 a 5 anos. Esse curso só foi instalado em Guarapuava em 1946, no Colégio Nossa Senhora de Belém.

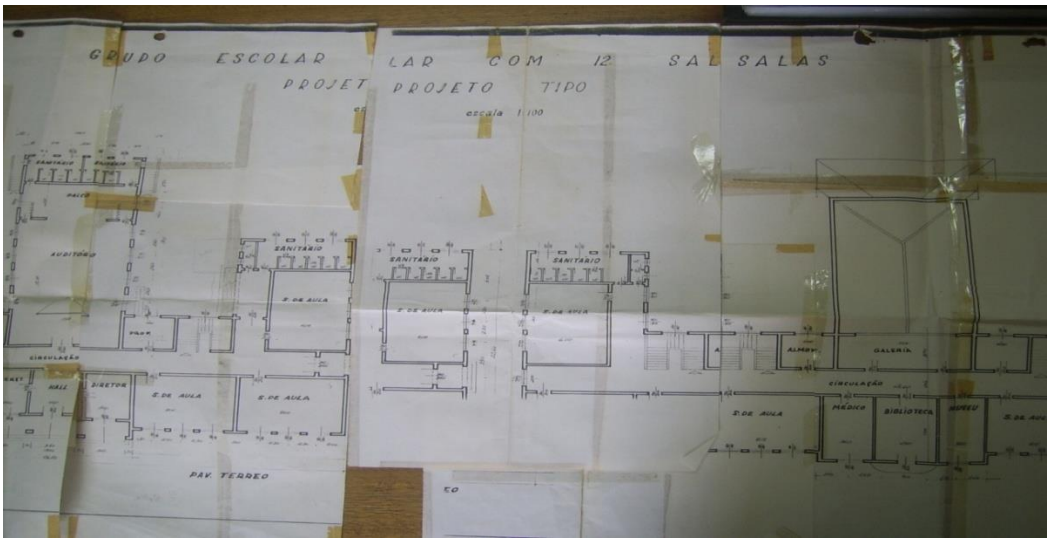
Durante a década de 1930, as titulares das cadeiras de Professoras Normalistas do Curso Normal Complementar do GEVG foram: as irmãs Laura Pacheco Bastos e Hermínia Pacheco Bastos Marques, as também irmãs Semirames Keinart e Alba Keinart, alem de Esaltina C. Loyola. Nesse período, as professoras titulares das cadeiras de Primeiras Letras eram: Eroni Ribas, Jandira Laour Bastos, Maria Rosa Saldanha, Zoraide Bitencourt Rocha e Maria Itália Manente. Inclusive, pela primeira vez, desde a fundação do Grupo, é citado o nome de uma funcionária nesse documento, a zeladora Carmela Branco (PINHEIRO, 1931).

Em 1942 foi o último ano de funcionamento do GEVG na sua primeira sede. Em 6 de março desse ano, o então Prefeito Municipal de Guarapuava, Mário P. Camargo fez a doação para o Estado do Paraná, de 2 terrenos urbanos. Um compreendido pelo “Largo Sete de Setembro”, na quadra formada pelas Ruas Dr. Laranjeiras, Capitão Rocha, Barão do Rio Branco e Silva Jardim, do perímetro urbano, para nele ser construído uma casa escolar de ensino secundário (PARANÁ, 2012).

O outro terreno ficava na à rua XV de Novembro na quadra das ruas Brigadeiro Rocha e Getúlio Vargas. Na gestão de Moysés Lupion no Governo do Estado do Paraná, construiu-se então um novo prédio nele para o Grupo Escolar em 1943.

(FIGURA 3.3: “Grupo Escolar Visconde de Guarapuava” – CEDOC)

O prédio foi construído em conformidade com os padrões arquitetônicos dos prédios públicos da época do final da República Velha, para proporcionar o funcionamento do GEVG em um edifício a altura o todo o simbolismo que representava os Grupos Escolares: grande, espaçoso e com arquitetura imponente, o prédio possuía agora toda a infra-estrutura necessária para o processo educativo:



(FIGURA 3.4: “Planta original do Grupo Escolar” foto do Documento Oficial)

Vemos na planta oficial do prédio, que o GEVG a partir desse momento passou a contar com todos os setores que um colégio moderno tinha. Além de 12 salas de aula, o edifício com 2 andares incluía: biblioteca, enfermaria, secretaria, sala dos professores, direção, almoxarifado, galeria e auditório.

Um edifício com uma arquitetura inteiramente nova situado no ‘coração’ da cidade, a rua XV de Novembro. Em 1945, pelo Decreto Lei nº 309, de 17 de fevereiro, assinado pelo Interventor Federal do Estado do Paraná Manoel Ribas, criava-se o Ginásio Estadual de Guarapuava, posteriormente chamado de Ginásio Estadual “Manoel Ribas”, cuja instalação datou de 1º de março de 1946 (CARNEIRO, 2014). Demorou 2 anos para o Estado terminar a construção do Ginásio, que durante esse período funcionou no interior do prédio o GEVG com mais 4 Escolas Isoladas Secundárias sob a direção de Joaquim Prestes[15]. Após a saída do Ginásio para o seu prédio novo no final de 1945, finalmente em 1946 o Governo unificou as Escolas Secundárias fundando o Ginásio Estadual de Guarapuava, esta instituição atualmente é denominada Colégio Estadual Francisco Carneiro Martins.

[15] Joaquim Prestes, meu avô, foi um importante político e educador da história de Guarapuava. Começando sua carreira como professor titular da cadeira da Escola Isolada Secundária de Letras Português, foi gerente do primeiro Banco da cidade, editor chefe da Folha do Oeste, foi vereador do município, foi também o fundador e primeiro diretor do Ginásio Estadual de Guarapuava e em 1950 foi eleito prefeito de Guarapuava, e no final da sua carreira exerceu a função de Tabelião de Cartório. Sua esposa Jocelina Prestes e todos os 7 filhos deles, incluindo meu pai Luiz Carlos Prestes, foram alunos do Grupo Escolar, essa proximidade da minha família com a instituição foi também um dos maiores motivadores desta pesquisa.

3.2 – A EDUCAÇÃO E O GEVG – ELOGIOS E CRÍTICAS DA IMPRENSA

O processo de criação do GEVG, sua organização institucional, bem como as fragilidades materiais e pedagógicas sinalizadas como existentes a partir dos indícios documentais e bibliográficos encontrados, possibilitam a construção de uma percepção relativa à concretude do Grupo Escolar.

Relacionada à existência concreta da instituição, construiu-se diferentes visões sobre a importância dessa instituição, buscando relacioná-la com os desafios econômicos, políticos e culturais que foram enfrentados pelos guarapuavanos nas primeiras décadas do século XX. Tão importante quanto os dados concretos produzidos no funcionamento do GEVG, essas visões são assumidas neste trabalho como elaborações valiosas para pensarmos não apenas a história guarapuavana, mas também a história do Estado do Paraná. De que forma essas diferentes visões davam vida às grandes ideias relativas à organização da sociedade, da economia e da cultura no início do século XX? Ao mostrar a importância dessa questão, pretendemos evidenciar a relevância da instituição em tela, aglutinadora de reflexões de diferentes segmentos sociais existentes em Guarapuava no período que vai de 1912 a 1942. Para realizar essa tarefa, lançamos mão da imprensa periódica circulante no contexto guarapuavano que estudamos.

A imprensa é uma das mais importantes e reveladoras fontes para o trabalho do historiador. Os fragmentos noticiados, a amplitude das abordagens, as linhas editoriais, a política, os contextos nacionais e internacionais desvendam formas de “olhar” o presente daquela sociedade, representadas nos artigos e reportagens publicadas em periódicos impressos. Segundo Araujo e Schelbauer (2007):

> As pulsões contemporâneas em torno da pesquisa histórico-educacional têm eleito também a imprensa como fonte e objeto seus. Jornais e revistas (...) têm sido enfocadas diversamente, seja do ponto de vista teórico-metodológico, seja do ponto de vista da periodização. (ARAUJO e SCHELBAUER, 2007, p.5).

Contudo, precisamos analisar com cautela os periódicos, assim como fizemos no trato das demais fontes/documentos históricos. Partimos do pressuposto que as notícias publicadas ou veiculadas nos jornais não explicam

ou dimensionam em sua totalidade as perspectivas elaboradas acerca de nosso tema, e que, obviamente, não refletem por si mesmas as heterogêneas visões da questão que se encontram além do olhar restrito daquele que a redigiu (OLIVA, 2011). Ou seja, não podemos considerar as visões jornalísticas como símbolos absolutos dos olhares dirigidos da sociedade sobre ela mesma. Trata-se de um retrato, mas de um retrato de uma parcelada da realidade vista por alguém que comunga com um certo grupo, com uma determinada classe daquele meio social. Nesse sentido, não podemos restringir um complexo e distinto conjunto de visões apenas a partir de algumas das reportagens observadas, pois, até entre as próprias visões jornalísticas encontraremos, sempre, interpretações divergentes acerca de um determinado acontecimento histórico.

Todavia, para a perspectiva do historiador da educação, os artigos jornalísticos servem como pontos privilegiados para reflexões acerca de um determinado objeto e são indícios de uma mentalidade, espectros de elementos que os indivíduos herdam e internalizam, muitas vezes, de forma irrefletida. Corroborando com o pensamento de Oliva (2011) compreendemos que as reportagens e artigos representam apenas uma parcela do imaginário coletivo, reflexos de uma determinada visão, ao mesmo tempo em que a refletem e projetam essa(s)visão(ões) como pertencentes a um grupo, ou classe, sobre um determinado tema. Le Goff (2010) define esse fenômeno como “invenção da memória coletiva”.

Sobre a utilização da imprensa como recurso de pesquisa em História da Educação, Nóvoa (2002), menciona que existe uma parcela considerável de conhecimento que podemos adquirir sobre o processo educativo de um determinado recorte histórico, por meio de uma análise dialética mais atenta à imprensa.

> De facto, a imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo (NÓVOA, 2002, p.13).

Os periódicos levantados nessa pesquisa foram todos encontrados fisicamente na Biblioteca Pública, na Câmara Municipal e principalmente no Arquivo Histórico Municipal (de Guarapuava), sob responsabilidade do CEDOC – Centro de Documentação Histórica da Unicentro. A Prefeitura de Guarapuava há alguns anos cedeu grande parcela de sua documentação para a guarda da Universidade Estadual do Centro Oeste. Essa documentação inclui muitas edições de jornais guarapuavanos do início do século XX.

Durante os meses de maio a novembro de 2015 foram analisados todos os jornais do início do século XX em circulação em Guarapuava arquivados do CEDOC. As notícias sobre política, educação e principalmente sobre o GEVG, receberam atenção. A perspectiva foi de compreender as visões construídas pela e através da imprensa sobre a instituição em tela de registros. Foram coletados ao todo mais de 100 registros sobre educação, escolas isoladas e Grupo Escolar. As informações sobre o GEVG são em sua maioria, editais com os resultados de exames dos alunos, chamadas de matrículas ou notícias sobre o escoteirismo que se consolidava no Grupo.

Aqui apresentados cronologicamente, os jornais levantados e analisados foram:

- O Guayra última década do século XIX
- Diário da Tarde década de 1910
- O Pharol e O Trevo anos de 1920
- A Cidade e Correio do Oeste na década de 1930
- Folha do Oeste das décadas de 1930 e 1940

O GUAYRA: A Necessidade de uma Instituição Educacional para Guarapuava.

O primeiro jornal analisado é de mais de uma década antes da fundação do GEVG, O Guayra. Periódico semanário da cidade de Guarapuava fundado em 4 de abril de 1893 por Luiz Daniel Cleve. Jornalista, político e sertanista associou-se ao fazendeiro e empresário Cel. Seraphim de Oliveira Ribas, dono da primeira tipografia em Guarapuava, para fundar, o primeiro jornal do planalto

central paranaense, “libertando-se” assim, da visão jornalística dos periódicos da capital e de Castro, únicos impressos que circulavam na região, até então. No final do século XIX o jornal foi comprado pelo empresário João Correia Jr. Segundo Cleve (2005), os sócios Luiz Daniel e Seraphim, antes da “independência jornalística” guarapuavana já colaboravam com outros jornais, como o “Dezenove de Dezembro”, “Província do Paraná” e no “Eco” da cidade de Castro.

Joerling Cordeiro Cleve (2005) aponta que o Jornal O Guayra destacou-se na região pela cobertura dada aos fatos que antecederam a Revolução Federalista, indicando uma posição anti-maragatos.[16] O periódico foi muito influente sobre a sociedade guarapuavana na visão republicana que ele divulgava acerca dos acontecimentos históricos do sul do Brasil nos primeiros anos da República. Na edição de 02/10/1987 vemos a primeira citação do O Guayra em relação à educação, relacionando-a com o período turbulento das “guerras civis” que eclodiram no Brasil na transição do Império para a República:

> E se não tivermos instrucção, o que há de ser de nós? Basta recordarmos aos horrores das guerras civis, desde as sangrentas peripécias dos federalistas nos pampas, as horrendas tragédias nos sertões da Bahia. E por último, os tristíssimos fatos ocorridos na Capital Federal que puseram em sobre salto a nação. Fatos como esse envergonham o país perante as nações cultas, teriam-se dado outras notícias fosse a nossa educação moral com liberdade verdadeiramente republicana? E se cada cidadão da República cumpri-se o seu dever? Teríamos a lamentar esses atos de selvageria que amplamente se reproduzem por toda a parte? Eu tenho cá pra mim, que a educação moral é tão essencial para um homem que ela deve ser a obra de toda a vida, até a sua sepultura. Sendo o homem um ser eminentemente aperfeiçoável ele deve ambicionar que o curso de sua carreira seja um progredir, pois o aperfeiçoamento é compatível natureza humana (CLEVE, 02/08/1897).

[16] Maragato foi o nome dado aos sulistas que iniciaram a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul em 1893, em protesto a política exercida pelo governo federal representada na província por Julio de Castilhos. Os maragatos eram identificados pelo uso de um lenço vermelho no pescoço (oposição). O termo tinha uma conotação pejorativa atribuída pelos legalistas aos revoltosos liderados por Gaspar da Silveira Martins (FAUSTO, 2009).

Percebe-se logo nessa primeira reportagem o tom com o qual O Guayra se posicionaria em relação às políticas educacionais e a instrução pública, uma clara tendência em favor de uma educação republicana, moral e cívica. Assim, como visto anteriormente nesta pesquisa, muitos jornais brasileiros dos grandes centros urbanos eram, praticamente, unânimes em sua postura favorável ao republicanismo e de todo ideal que ele representava.

O Guayra seguiu esse espírito em favor da modernidade que a República representava. Mais do que isso, esse jornal estabeleceu uma tendência seguida por todos os outros impressos jornalísticos de Guarapuava nas décadas seguintes: o de estabelecer uma íntima ligação entre a instrução primária e o desenvolvimento da República.

"Por Instrucção Pública" (15/02/1898), "Pela Educação Popular" (21/07/1898), "Pelas Escolas" (09/11/1899), são as manchetes mais recorrentes em relação às Escolas Isoladas e, posteriormente, ao GEVG em todos os jornais pesquisados. O Guayra por vezes em suas edições dava grande destaque para a educação – ou para a falta dela – na região dos Campos de Guarapuava. Com acidez e alarmismo, Cleve denunciava em seus artigos, entre outras coisas, o número pífio de cadeiras de Instrucção Primária na região:

> É muito notória a falta de escholas para instrucção primária no município. Pois temos apenas uma cadeira do sexo masculino, duas do feminino e uma cadeira promíscua em Therezinha. Ora, pra um município tão extenso e populoso como o nosso que conta para mais de vinte mil habitantes em seo seio possoir apenas 4escholas de instrucção primária, torna-se até ridículo! Apello, portanto para o patriotismo dessa Illustre Corporação que hade votar uma verba em seu Orçamento para a manuteção de mais 5 escholas, pelo menos; sendo uma na povoação de S. João do Capanema, uma no povoado de Marrecas, uma no Rocio <num lugar denominado S. Sebãstião> uma no districto de Campo Real e uma finalmente no vilarejo do Pinhão.(O GUAYRA, 06/11/1898)

O artigo é extremamente direto, e faz um apelo quase desesperado por educação em Guarapuava. A infeliz herança das Escolas Isoladas Imperiais: a precariedade estrutural do sistema; ao analisar esse relato e nos depararmos com 4 escolas para 20 mil pessoas. Havia 5 mil crianças e adolescentes em idade escolar, para no máximo 100 vagas nessas 4 escolas.

Esse apelo pela instrução primária em várias edições ganhou manchete e reportagem de capa no Guayra, alguns desses artigos eram de página inteira. Compreendermos a importância que o então novo redator do jornal Romualdo Baraúna dava à Instrucção Popular, apelando para a conscientização da sociedade e do poder público em prol dessa causa. Por mais de 6 edições isso se repetiu.

Vejamos outro excerto: “A instrucção e a educação se impõe hoje ao homem com tal exigência como o alimento que mantém a sua vida animal” (O GUAYRA, 05/03/1898). Esse pequeno trecho de um artigo, de capa de página, revela o entusiasmo que se repete em todas as edições do Guayra em que há reportagens sobre educação, em sua maioria em grandes artigos, alguns de páginas inteiras. Em relação ao GEVG, mesmo 10 anos antes de sua licitação, o jornal já apontava a necessidade da construção de uma casa escolar na cidade de Guarapuava, não só um Grupo Escolar, mas também um Colégio Secundarista, aos moldes das escolas criadas nos grandes centros urbanos como Curitiba, vejamos essa matéria do próprio editor do jornal:

> Em breve estará entre nós o illustre dr. Romualdo Antônio Baraúna que vem fixar residência definitiva nessa cidade. Segundo informa pessoa fidedigna, S.S. pretende tratar da fundação de uma casa escolar, como já possuem diversas localidades do Estado. O projeto do distincto engenheiro merece nossa plena aprovação, pois de muito se faz sentir nessa localidade a falta de um estabelecimento d’instrucção dessa ordem, abundando no município alumnos e alumnas, cujos paes estão embaraçados pela dificuldade de envialos para collegios longínquos, nem sempre collocados em boas condições hygienicas, e sendo diffícil ou mesmo impossível a fiscalisação da marcha do ensino e da educação (O GUAYRA, 19/03/1899)

Apesar das constantes reivindicações por parte dos responsáveis pelo jornal O Guayra, suas demandas a respeito da educação não foram atendidas. Conforme nos mostra a história de 4 Escolas Isoladas em 1899, 10 anos depois somente mais uma foi constituída. Quando do advento do projeto do Grupo Escolar em 1909, existiam 5 escolas no município (GLUBER, 2010). Sobre o almejado Colégio Secundário, os anseios da população esperaram por meio século para serem atendidos, pois como vimos, o colégio/ginásio de Guarapuava foi construído somente em 1946.

Registramos ainda sobre educação que, além desse apelo pela instrução pública, o Guayra sempre divulgava os resultados das ascensões dos alunos das Escolas Isoladas (de Primeiras Letras e Secundárias, públicas e particulares), bem como suas “formaturas” do ensino primário.

O PHAROL: O GEVG Não Tinha Problemas

O jornal O Pharol, era propriedade de Antônio Lustosa de Oliveira. Dono de fazendas e casas comerciais, segundo Nivaldo Kruguer (2012) e Walderez P. da Silva (2010) o Sr. Lustosa na época era um dos homens mais ricos do Estado, sendo uma força política do centro oeste paranaense, líder maçônico e dos ruralistas da região. Em seu jornal, as reportagens sobre a educação procuravam conscientizar a população que a educação libertária era anárquica e contra os valores da sociedade, numa clara alusão que a instrução pública primária deveria ser para formar o cidadão para seguir as regras em sociedade:

> A renovação moral se impõe com urgência, uma seção para os paes e a obra educadora da escola. A creança liberta na escola, amanhã será liberta na sociedade, e assim menos presaria as leis e seus deveres de cidadãos. Se na escola ela adquire hábitos de independência na sociedade põe em práctica esses mesmos habito, ajudados por tendências e temperamentos mal educados. Dahi o grande o mal, a desvalorisassão da escola, causadora de todo esse mal e retrocesso. (O PHAROL, 28/08/1921)

Sobre o GEVG especificamente, a primeira reportagem encontrada foi de 15/02/1922:

> Festival do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava:
> Em a noite de 8, no Teatro Santo Antônio, realisou-se o festival commemorativo desse Grupo. Apesar da noite demasiadamente chuvosa estavam presentes as autoridades e o povo, enchendo quase o nosso Teatro. Do programma constavam duas partes, a primeira uma Aphoteose ao Brasil. A segunda um conjuncto agradável de variedades. Onde primavam os gostos da musica e o desempenho intelligente e gracioso das bellascreanças. Deu-se início a primeira parte, com a palavra de apresentação do Sr. Director que também falou sobre as utilidades das festas escolares (O PHAROL, 15/02/1922).

Lemos nessa reportagem, a festa escolar de início do ano letivo de 1922, realizada no teatro Santo Antônio em Guarapuava no dia 08 de fevereiro daquele corrente ano, evento organizado pelo professor Antônio Tupy Pinheiro. Sobre a relação Antonio Lustosa, seus jornais e a educação uma observação inicial faz-se necessária. Em seus periódicos ele sempre tinha um professor/diretor de escolas em seu corpo editorial: no Pharol Tupy Pinheiro na década de 1920 foi editor; depois na Folha do Oeste, Amarílio Rezende nos anos de 1930 foi redator (ambos do GEVG); e depois Joaquim Prestes na década de 1940 foi diretor também na Folha.

Como já mencionado, as reportagens sobre o GEVG em sua maioria trazem informações sobre chamamento para matrícula e resultados de exames finais. Contudo, mais um segmento de “notícias” sobre o GEVG se repetiu muito nos dois periódicos do Sr. Lustosa: o enaltecimento de seus diretores; que coincidentemente eram também funcionários de seus jornais.

O PHAROL

Antonio Tupy Pinheiro

Filho da terra do Guayra, é possuidor de fina educação e intelligencia.

Com sua penna adestrada, tem sabido attrair e enlevar o publico culto desta terra, com suas producções pedagogicas e de alta moral.

O seu caracter sem nódoa,o mantem sempre, com altivez e dignidade.

Director e prof. do Grupo Escolar "Visconde de Guarapuava", transmitte, com esclarecida competencia, ás creanças, que alli frequentam, os santos ensinamentos da escola.

E' nosso companheiro de redacção.

(FIGURA 3.5: Foto de O Pharol de 04/031923 – CEDOC, Unicentro)

Foram encontradas várias reportagens como essa enaltecendo o professor Tupy Pinheiro nas edições de O Pharol na década de 1920, como vemos, elas ocupavam quase meia página. Em sua maioria, noticiando festas cívicas e eventos públicos realizados no GEVG organizados pelo seu diretor.

> Ao distincto director do Grupo Escolar “Visconde de Guarapuava” Sr. Antonio Tupy Pinheiro e ao seus collegas de ensino, apresentamos pelo bom número que nos proporcionou, commemorando assim com bastante galhardia, e condignamente o centésimo aniversário de nossa emancipação política, os nossos justos applausos e felicitações pela esplendida execusão dada ao seu programma escolar (O PHAROL, 01/10/1922).

Os desfiles de 7 de setembro eram o ápice dos eventos cívicos republicanos realizados pelo/no GEVG, e eram amplamente divulgados pela imprensa guarapuavana. Nas notícias vinculadas, sempre com um aspecto positivo, em todos os periódicos pesquisados, não houve uma crítica sequer dos jornalistas ao GEVG. O redator do Pharol – Tupy Pinheiro – nunca apresentou os problemas pelos quais passavam a instituição. O mesmo ocorreu com Amarílio Rezende de Oliveira, que utilizou a possibilidade de redigir no jornal apenas para relatar as atividades pedagógicas do GEVG, em uma postura elogiosa e enaltecedora do “templo de civilização” (SOUZA, 1998).

Em meados da década de 1920, o jornal O Pharol também passou por algumas reformulações. Entre os anos de 1928 e 1929, Tupy Pinheiro foi demitido das duas direções, da escola e do jornal. Coincidentemente Antônio Lustosa contratou o então novo diretor do GEVG pra ser também seu novo editor chefe, Amarílio Rezende de Oliveira. Assim como o professor Tupy Pinheiro, Amarílio Rezende de Oliveira também gozava de liberdade para publicar seus artigos no Pharol. Ele começou, então, no mesmo ano, em edições seguidas, a divulgar em seus pequenos artigos e notas, o Escoteirismo. “O escoterismo leva os rapazes a perfeição, desenvolvendo-se physica, moral e intelectualmente” (O PHAROL, 04/05/1928).

Amarílio Rezende de Oliveira, apesar de não ter sido o idealizador, foi o fundador “oficial” do escotismo no Grupo Escolar de Guarapuava. Ao lado da criação do Curso Normal Complementar, o advento do Escoteirismo, ambos os feitos foram as maiores conquistas do professor Amarílio a frente do GEVG. Entre os anos de 1927, 1928 e 1929, Amarílio Rezende fez uma intensa campanha tanto pela criação como pela consolidação do Curso Normal, do Jardim de Infância e principalmente do Escoteirismo dentro do Grupo Escolar.

Além de várias matérias sobre o escotismo, O Pharol ainda publicou algumas a respeito do Curso Normal. Ainda sobre a direção de Tupy Pinheiro, o jornal fez no dia 26/02/1927 uma chamada pública para a seleção das primeiras alunas que fariam o curso Complementarista do GEVG:

> O professor Sr. Amarílio R.de Oliveira, 1º titular da cadeira de normalista do Grupo Escolar <Visconde de Guarapuava> convoca os paes de todas as meninas e meninos interessados no nobre ofício do magistério que já terminaram a instrucção primária, para prestarem exame de concurso para fazerem parte da turma inaugural do Curso Normal Complementar que estabelece-se nessa casa escolar, a sabatina será do dia 8 de março a partir das 14 horas, deve-se chegar pelo menos uma hora antes para a inscrição. (O PHAROL, 26/02/1927)

Ele divulgava essas modalidades – as quais ele era o idealizador – de ensino por meio de suas reportagens com cunho de “utilidade pública” que ele publicava no O Pharol:

> A necessidade do Escotismo. De nada vale a intelligencia esclarecida e cultivada sem o vigor do corpo, sem a saúde physica. A educação moral e cívica necessitam do desenvolvimento physico para a completa organização do todo, para a perfeição da raça brasileira. Todo o operário, o medico o engenheiro necessitam de todo vigor physico para bem poderem gosar e produzir trabalho útil. O Escotismo preenche essa grande necessidade formadora de um povo e deve ser praticado com moral e com civismo nas escolas (O PHAROL, 04/03/1928).

Após mais de um ano de intensa campanha junto aos jornais, o diretor Amarílio Rezende de Oliviera finalmente conseguiu consolidar oficialmente o escoteirismo em Guarapuava, em cerimônia realizada em 29/11/1928.

A CIDADE e o CORREIO DO OESTE: A Importância do GEVG no Diagnóstico e seus Problemas

A partir da década de 1930 os jornais disponíveis para pesquisa foram o “A Cidade” de propriedade de Paulo Demário e o “Correio do Oeste” do jornalista David Moscalesque. Ambos os jornais apresentam reportagens muito parecidas quando noticiam tanto a educação, como o GEVG especificamente. Sobre a instrução pública, o velho discurso de mais de 40 anos que só a educação republicana salva e da necessidade de mais escolas:

> Pela Instrucção: Precisamos de professores e não ignorantes afilhados nesse mister. Há no Brasil um talento todo dedicado a um palpitante problema <A Alfabetização dos Brasileiros> Esse talento que fulge como astro de primeira grandeza em meio a atual geração intelectual patrícia (...) De fato, nada mais de qualidade, mais digno de absorver a preciosa atenção dos intelectuais brasileiros que a alfabetisação da população, cuja porcentagem ilustre nos coloca em inferioridade aos demais países do continente (...) Em distritos de população de 700 creanças em idade escolar, existem apenas 3 escolas regidas por professores pouco mais que analfabetos, e outros apenas uma escola, e em alguns há a ausência completa de estabelecimentos de ensino. Há para cada logarejo, cada distrito uma igreja para as necessidades religiosas, e nem sempre defronte as igrejas, se vê uma escola. O sertanejo sabe de cor <<todos os dias santos>>de guarda ordenados pelo Papa que deve guardar por tradição. Mas pelo contrário não descreve um feriado nacional por ter freqüentado uma escola onde os professores ensinariam civismo e conhecer os fatos culminantes políticos que por arte mágica o fizeram mestre (CORREIO DO OESTE, 01/06/ 1930).

Esse artigo, não assinado, foi destaque de capa da edição de 01/06/1930 do Correio do Oeste. Nele vemos que o jornal desfere duras criticas à falta de professores (especialmente professores qualificados); ao "apadrinhamento" no setor público; uma crítica aos intelectuais que precisavam abraçar a causa da alfabetização; sobre um "talento" brasileiro para o analfabetismo; a absoluta falta de casas escolares; e uma crítica nova, a prejudicial religiosidade do povo. Em um tom sarcástico, a matéria menciona que o sertanejo – grande maioria da população brasileira – é alienado pela religião, que por culpa dela, essa parcela do povo conhece mais os ritos católicos que as convenções sociais da República – supostamente – laica.

Vários artigos como esse foram encontrados tanto no Correio do Oeste como no A Cidade. De todos os jornais consultados, esses dois são os que apresentaram as matérias mais críticas tanto em relação à educação como um todo, como a respeito do Grupo Escolar. Em reportagens quase sempre não assinadas, davam muito destaque ao tema da instrução pública, e a grande maioria desses textos insistia na constatação relativa à falta de escolas. Tanto dentro da área Urbana de Guarapuava como nossos distritos, segundo os jornais, faltavam professores e escolas.

As matérias em sua maioria quando não ocupavam um espaço muito grande, ao menos ficavam em destaque no meio da primeira página, o foco era chamar a atenção do leitor. Insistentes reportagens reclamavam a situação precária das Escolas Isoladas nos distritos mais afastados. Pitanga, Palmeira, Marreca, Catanduva, Laranjeiras, Faxinal da Fiúza... essas foram as mais citadas, mas, praticamente todas as localidades, distritos e vilas pertencentes ao município de Guarapuava reclamavam a falta de escolas e professores. Existiam 3 frentes de lutas relatadas nesses periódicos: a falta de escolas; a falta de professores; e a falta de professores substitutos. Como já problematizado anteriormente nessa pesquisa, a grande maioria das Escolas Isoladas não possuíam prédio próprio, e os professores e a comunidade precisavam "se virar" para manter uma escola, na região de Guarapuava, não era diferente. Na edição de 20/06/1930 o Correio do Oeste soltou uma nota com tom de pesar:

> Consternados com a situação precária da escola primária promíscua de Laranjeiras do Sul, a normalista Maria Terezinha Zanon decidiu junto a comunidade por suspender as aulas por tempo indeterminado, visto que a sala cedida junto ao Posto de Saúde encontrada-se com goteiras e duas janelas estragadas, estando o local insalubre para as creanças, estando o povo daquela localidade a três semanas aguardado a resposta do Sr. Interventor Municipal. (CORREIO DO OSTE, 20/06/1930)

Conforme vimos, essa situação precária era generalizada. Por vezes era noticiado que os próprios moradores, por conta própria, construíam as casas escolares em algumas comunidades, denunciando a falta de estrutura das Escolas Isoladas.

Sobre o GEVG especificamente, foi percebido um tratamento diferenciado: as reportagens a respeito do Grupo Escolar diminuíram em quantidade em relação ao jornal O Pharol. Tanto o Correio do Oeste, como o A Cidade derem menos destaque ao grupo em si, e mais atenção às escolas das regiões periféricas do município. Isso deve-se ao fato, talvez, porque os redatores do O Pharol – na década de 1920 – coincidentemente também serem diretores do Grupo, primeiro com o professor Tupy Pinheiro e depois com o Amarílio Rezende.

Contudo, também podemos confirmar que mesmo não estando na direção desses jornais, o professor Amarílio Rezende de Oliveira continuava tendo voz dentro da imprensa guarapuavana. Várias pequenas notas assinadas por ele foram divulgadas no A Cidade e no Correio do Oeste, todavia apenas notícias informativas como abertura de matrículas e início e término de férias letivas. Quase sempre em notas nos rodapés das páginas, sem muito destaque, o professor Amarílio divulgava as informações básicas do GEVG.

Entre 1930 e 1935, entre 41 edições dos jornais Correio do Oeste e A Cidade encontrados para esta pesquisa, contamos ao todo 17 menções, notas ou artigos sobre o GEVG, em sua maioria, eram chamamentos de matrículas. O outrora enaltecido Grupo Escolar de Guarapuava dos tempos de O Pharol, agora estava restrito a pequenas notas de rodapé, apenas em caráter oficial público, para a divulgação de seus editais. Em grande parte essas notas eram assinadas pelo próprio professor Amarílio Rezende de Oliveira. Todavia, também encontramos algumas poucas reportagens mais elaboradas e críticas em relação ao Grupo Escolar. Duas em especial nos chamaram muito a atenção. Uma mais elogiosa:

> Impõe-se imediata, decisiva, enérgica e perseverante uma campanha em benefício da educação popular em prol do embelezamento da fisionomia moral da nossa cidade. De há muito vínhamos apelando para quem de direito cobro um de coisas deplorável: a vadiagem de menores. É simplesmente constrangedor o espetáculo que oferecem esse menores, ora reunidos no jogo <de tico tico>, ora em bando dando caça aos pássaros quebrando vidros, ora empenhados em lutas em plena via pública. Dos resultados desastrosos dessa vadiagem tivemos exemplos bem dolorosos, mais um crime cometido por menores nas ruas da cidade. Felismente apareceu alguém pra enfrentar essa questão com o auxilio das autoridades. È o professor Amarilo Rezende de Oliveira, digno e esforçado diretor do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava, Escola Complementar e Jardim de Infância, o grande amigo da infância, compadecido dos que não tem escola (...) recolhendo muitos desses menores que não contentes em passar o dia inteiro na vadiagem, aglomeravam-se até altas horas em bares e lugares escusos numa demonstração berrante de abandono paterno. (CORREIO DO OESTE, 27/07/1930)

Outra mais crítica:

> Quando Deus da o trigo... o diabo leva o saco. Nunca esteve tão na atualidade esse velho adágio popular diante do verdadeiro fracasso que foi o exame para professores provisórios do município realizado pelo Grupo Escolar. A prefeitura no intuito de disseminar o ensino primário no município, aumentando o número de escolas singulares, num possível entendimento com o Estado que construiria casas escolares, e para esse fim era necessário contratar professores. Foi disposto um edital para cargos de professores provisórios para habilitação por exames. Apresentaram-se 9 candidatos para um número de inscritos de 18! Mais ou menos preparados para os exames a nível de prova final do 3º ano, como de praxe. Ao se apresentarem, o Grupo Escolar informou que as provas seriam a nível de 4º ano, portanto mais explanadas, foi um recuo geral e plena debandada. Com justificado receio de serem reprovados, dos 9 candidatos 5 regressaram aos seus lares desiludidos vendo perdido todo o trabalho e dedicação de vários anos, alguns recorreram apelação a Directoria Geral de Ensino pedindo novo praso para submeterem-se ao exame, enfim apenas 4 se submetam a prova, sendo que somente 2 foram aprovados em todas as matérias(...) (A CIDADE, 20/01/1935)

Esse artigo foi dividido em duas partes, ocupando ¼ das páginas 1 e 3:

Escolas! Escolas!

"Quando Deus dá o trigo...o diabo leva o saco"

(Continuação da 1ª pagina)

Diante do que temos exposto se conclue que, si a quem compete remediar o mal, não procurar modificar o atual estado de coisas, fracassarão as tentativas de desseminar o maximo possivel o numero de escolas existentes creando o Governo novas cadeiras no municipio alem das existentes na maioria sem professores de comprovada competencia, taes como os complementaristas, postos de lado pela politica ou falta das simpatias dos poderes publicos, ainda assim julgamos errada a suspensão e dispensa dos ex-provisorios que dirigiam as cadeiras nos distritos, de acordo com os recursos didaticos que possuiam-

Normalistas e complementaristas ricos ou não renunciam as cadeiras que lhes oferecem nos sertões e como se não poderá dar a cada um delles logar de professor efetivo ou de adjunto no Grupo Escolar Visconde de Guarapuava e Jardim da Infancia desta cidade, melhor seria aproveitar-se esses mesmos provisorios que, se não tem habilitação necessaria para ensinar as materias de 4º ano do Grupo Escolar, ao menos podem ensinar as primeiras letras aos futuros eleitores de amanhã preenchendo uma lacuna no magisterio publico.

O problema aí está para ser resolvido por quem de direito.

O certo é que, si não tivermos professores desta ou daquela categoria para ocuparem as cadeiras já creadas no municipio apezar de numero insuficiente para a população escolar, levantamos COM ORGULHO o campeonato do analfabetismo na porcentagem de 70 para 90 por cento !

Ao estudo dos poderes competentes entregamos a delicada questão certos de que ela terá uma solução satisfatoria.

Tecidos

(FIGURA 3.6: Foto do Jornal A Cidade de 20/01/1935)

Como vemos, essa foi a maior matéria encontrada sobre o GEVG em todos os jornais pesquisados ocupando ao todo meia página. Vimos outras reportagens sobre o GEVG que ocupou quase uma página inteira, contudo, tratavam-se de editais informativos com listagens dos alunos aprovados e reprovados de um ano para outro.

Na notícia anterior pode-se perceber a repetição do tom ufanista de “só a educação salva” alardeado pela imprensa do início da era republicana; em um texto onde rasga-se elogios ao professor Amarílio Rezende de Oliveira, o Correio do Oeste (27/07/1930) parabeniza o diretor do Grupo Escolar pelo seu trabalho em prol da educação e contra a “vadiagem”. O artigo aponta um daqueles que seriam os grandes males gerados na formação dos centros urbanos: a delinquência juvenil; e que a instrução pública primária por meio dos Grupos Escolares seriam a grande salvação dessas crianças e adolescentes para não ser marginalizados.

Já sobre a reportagem (com imagem) do A Cidade (20/01/1935), vemos que o jornal de Paulo Demário problematizou a questão dos professores substitutos. A explanação como vimos na imagem foi enorme, e dividida em duas partes: primeiro em relação ao exame de admissão, onde na última hora foi mudado o nível da prova. Não mencionando o nome do diretor da instituição, o autor da reportagem critica o Grupo Escolar como um todo pela (des)organização do certame. O artigo considerou “um absurdo” a mudança de cronograma sem aviso prévio aos candidatos; a segunda crítica foi ao Estado, às regras “cegas” do sistema educacional, aqui o parecer negativo foi em relação à burocracia da exigência por qualidade na seleção dos professores provisórios, enquanto muitos distritos e vilarejos padecem pela ausência de mestres, o Estado coloca entraves burocráticos e faz exigências fora do contexto, dificultando mais ainda o acesso ao magistério.

FOLHA DO OESTE: O GEVG e a Educação Em Guarapuava

A partir da 2ª metade dessa década, um novo jornal entra em cena nessa pesquisa, a Folha do Oeste. Entre os anos de 1935 e 1941 as fontes desta pesquisa encontradas no Arquivo Histórico foram desse periódico.

Com a Folha do Oeste, a coberta jornalística sobre a *Instrucção* pública primária e sobre o Grupo Escolar toma proporções maiores, e acentua-se o tom ufanista e nacionalista nessas publicações.

Conforme Eliziane Gava (2013), a Folha do Oeste era um jornal que possuía um caráter político explicitamente Integralista [17]. Nesse sentido, observamos que ele procurava acentuar ainda mais a função cívica, nacionalista e doutrinadora que a instrução pública e o GEVG deveriam ter:

> Aos paes. Assombros números de 80% de analfabetos são a realidade de nosso país e frente a esse lamentável problema um punhado de brasileiros valorosos se juntam a cada dia na Campanha Nacional pela Educação. Vemos a cada dia jovens delinqüentes perambulando pelas ruas das cidades praticando crimes envergonhando seus paes e a sociedade. Nunca seremos uma nação evoluída enquanto essa situação continuar, precisamos resgatar esses jovens para dentro das escolas e dar-lhes educação moral e cívica contra essa barbárie creada pelo analfabetismo (FOLHA DO OESTE, 21/03/1937).

A Folha do Oeste insistia na cobrança, principalmente, ao governo do Estado de soluções para a situação precária de professores e escolas no município de Guarapuava. A educação voltou a ser destaque. Ao todo registramos entre 1935 e 1941, um total de 19 edições da Folha do Oeste com matérias de capa sobre a instrução pública ou sobre o GEVG. Em todas, sem exceção, o tema foi a importância da educação e/ou a falta dela. Quando não se faziam odes à educação moral e cívica, se criticava a falta de locais para praticá-las, bem como a escassez de professores:

> [...] O atual prefeito de Guarapuava, Sr. Aníbal Virmound, ao assumir seu cargo teve um gesto de empolgante patriotismo e inédito – ao que consta – nos anais de Guarapuava. Abriu mão de seus honorários para pregá-los em subvenção aos professores. Procedimento de tão elevado caráter cívico que dispensa encomios. Graças a essa elevada compreensão do problema, recebeu a nossa cidade mais algumas escolas. Ao que nos parece, afora essas escolas mantidas pela generosidade do Sr. Prefeito Municipal, nenhuma outra unidade escolar foi creada no município no ultimo biênio. Ve-se que o governo do município não tem descurado do seu grande e sagrado dever. Cumpria ao Governo Estado, por todas as razões, proceder no caso com o mesmo desvelo, com o mesmo patriotismo. É o que não tem sucedido [...] (FOLHA DO OESTE, 14/03/1937).

[17] Integralismo: movimento político partidário que teve origem em Portugal, chegando ao Brasil em 1932. Defendendo uma política tradicionalista, sob a liderança de Plínio Salgado, suas bases ideológicas eram fundamentadas na defesa de uma sociedade estruturada e hierarquizada a partir da religião e da família. O intuito de formar "homens íntegros" guiou os pensamentos dessa doutrina conservadora – considerada de extrema direita – tendo fortes ligações com o fascismo europeu (FAUSTO, 2009).

Escolhemos essa reportagem especificamente, porque ela exemplifica uma tendência que foi percebida e merece ser problematizada. Primeiramente, contextualizando, precisamos reconhecer os agentes participantes da Folha do Oeste a partir de 1935. O proprietário do periódico era o deputado Lustosa, um dos homens mais ricos e influentes do Paraná. Seu redator chefe era (novamente) o professor Amarílio Rezende de Oliveira – ex diretor do GEVG – e o gerente do jornal era David Moscalesque, ex-proprietário e editor do extinto Correio do Oeste. Como vemos, tratam-se de personagens já bem conhecidos dentro do cenário jornalístico guarapuavano, bem como de seu cenário educacional se considerarmos o seu redator chefe.

Percebe-se nessas matérias sobre a educação que a Folha do Oeste traz as principais características discursivas dos jornais que a precederam: o nacionalismo do O Pharol, e a crítica ao Interventor/Governador do Correio do Oeste. Manoel Ribas, nomeado por Getúlio Vargas, não era poupado pela Folha do Oeste em sua culpabilidade pelo fracasso do ensino paranaense, o detalhe era que as matérias não eram assinadas. Provavelmente, o próprio professor Amarílio Rezende de Oliveira as escrevia, contudo para não se indispor contra o governador, não as assinava, embora, como diretor do jornal, fosse responsável por elas.

Outra tendência que se vê nessa e em outras reportagens é que a Prefeitura Municipal de Guarapauva, primeiramente com o prefeito Coronel Gomes e depois na pessoa do Sr. Arlindo Ribeiro (ambos interventores da década de 1930) era poupada das críticas e por vezes até elogiada, como nesse caso. Segundo a Folha do Oeste: “um fato que entra para os anais da história... quando o prefeito Arlindo abriu mão dos seus honorários para subvenção dos professores”. Não encontramos documentos que endossem essa informação apresentada pelo jornal.

Sobre o GEVG, as notícias também aumentaram tanto em quantidade quanto em tamanho. Amarílio Rezende de Oliveira mesmo não sendo mais diretor do GEVG abria bastante espaço em seu jornal para ao seu sucessor Idelfonso Marques divulgar seus editais. Percebeu-se algumas particularidades em relação a como o GEVG era visto e criticado em relação aos outros jornais.

Primeiramente, que as notas de chamamento de matrículas aumentaram consideravelmente em proporção nas páginas da Folha do Oeste. Não eram mais notas apenas informando datas, agora as publicações traziam todos os detalhes de quem, como e quando poderiam ser realizadas as matrículas em todas as 3 modalidades de ensino da instituição.

Outro importante fato percebido: o “glamour” foi um dos principais assuntos em relação ao GEVG vinculados na Folha do Oeste. Notas sobre professores do Grupo Escolar eram destaque na Coluna Social desse jornal, juntos a pessoas influentes na cidade. As professoras tinham um certo prestígio junto a sociedade guarapuavana posando em festas, bailes, eventos e, principalmente, concursos de beleza. Nesses, todos os anos era frequente uma normalista do GEVG ficar entre as primeiras colocadas.

A edição de 29/12/1935, em uma matéria, celebrava o fato da primeira professora da história do Visconde a vencer o concurso de “Miss Sinceridade”, certame esse que escolhia aquela que era considerada a moça mais bela de Guarapuava, a vencedora foi a Normalista Laura Pacheco:

Laura Pacheco eleita "Miss Sinceridade" por 387 votos

A graciosa senhorinha Laura, após a sua formatura preferiu a u-
Pacheco, talentosa oradora do elenco da cadeira no Grupo Escolar des-
gente Gremio Filhas do Guaira e ta cidade, onde poudesse prestar,
competente professora do Grupo como vem prestando, in-stimaveis
Escolar Visconde de Guarapuava, serviços à infancia de sua terra na
desta cidade, foi eleita no ultimo tal, ao cubiçado logar de profes-
concurso de SINCERIDADE que [illegible]

A talentosa professora Laura Pacheco "Miss Sinceridade"

(FIGURA 3.7: Foto da Folha do Oeste de 29/12/1935 – CEDOC, Unicentro)

Após esse acontecimento, a professora Laura Pacheco ficou “famosa” nas altas rodas da sociedade guarapuavana. Ao todo ela foi “notícia” por mais 4 vezes nos anos seguintes da Folha do Oeste, sendo a professora que mais apareceu na coluna social desse jornal entre os anos de 1935 e 1941. Embora fosse apenas uma coluna de variedades, e não trazia nenhuma informação de caráter político ou pedagógico sobre o Grupo Escolar em si, é importante assinalar a relevância para o cotidiano da vida citadina a movimentação e a presença das pessoas que davam vida ao GEVG. A vinculação institucional da “bela professora” era um destaque recorrente nessas notícias. Como observam Vicentin e Herold Junior (2012), para uma mulher circular no espaço público da cidade, ser professora era uma característica que lhe dava condições de fazer essa circulação sem gerar qualquer tipo de dúvida a respeito de sua “idoneidade”.

Sobre esses acontecimentos sociais, além de Laura Pacheco e Zoraide Rocha, também foram “notícia” na Folha do Oeste as professoras: Eroni Ribas e Conceição Caldeira em 1937 e Terezinha J. Bastos em 1940 (aniversários) os casamentos das professoras Alcinda Rocha Loures em 1939 e do diretor Idelfonso em 1938, bem como o falecimento da ex professora Maria do Belém em 1941.

A respeito dessa “glamorização” do noticiário sobre o GEVG, não só os professores, mas também alguns alunos “ilustres” que passaram pela instituição também viraram notícia na Coluna Social da Folha. Em geral, eram notícias de filhos ou netos de políticos, ex-alunos do GEVG, quando eles entravam em alguma universidade ou quando retornavam para a cidade já formados, começando pelo prefeito da cidade, Dr. Arlindo Ribeiro, ex-aluno do GEVG. Foram numerosas as menções de pessoas que ocupavam posições de destaque na cidade e que frequentaram a instituição durante sua vida escolar citados do jornal. Por exemplo na edição de 04/07/1937: “Retornou a cidade vindo de São Paulo o jovem Henrique Camargo, agora doutor em advocacia, o neto do ilustríssimo ex governador Afonso Camargo visitou emocionado o Grupo Escolar, lugar onde tudo começou” (FOLHA do OESTE, 1937).

Em outra edição, dessa vez de 16/02/1940: “Assumiu uma cadeira de normalista no Grupo Escolar de Guarapuava a senhora Rute Macieira Virmound, esposa do digníssimo Coronel Aníbal Virmound (...) retorna para lecionar no mesmo grupo onde aprendeu as primeiras letras” (FOLHA do OESTE, 1940).

A respeito de menções explicitamente pedagógicas sobre o GEVG, dois aspectos foram observados nas edições da Folha do Oeste na virada da década de 1930 para 1940: o já mencionado aumento do espaço dos editais oficiais; e o retorno das notícias elogiosas sobre as festas cívicas. Contudo, uma matéria diferente destas nos chamou a atenção: a carta de despedida do professor Amarílio Rezende de Oliveira da direção do Grupo Escolar, publicada em 15/11/1936:

> Sr. professor Amarilio Rezende de Oliveira, Director do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava: Essa directoria recebeu com vivo prazer por intermédio da sub-directoria que no mez de maio passado visitou o estabelecimento que dirigis e avaliou com as mais louváveis referencias o vosso trabalho, que foi constante e inteligente no seu dever sublime de educador. A satisfação do dever cumprido é o mais justo prêmio para quem soube fazer de sua escola suave e próspera concedendo as creanças a luz da sua inteligência e a bondade do seu coração. É com grande satisfação que louvo vossa trajetória e vosso trabalho que foram dignificantes no preparo dos pequeninos iluminando os seus passos para o engrandecimento da nossa querida pátria (FOLHA do OESTE, 15/11/1936).

Em reportagens em sua maioria assinadas pelo próprio Amarílio Rezende de Oliveira, foram elogiadas as festas de encerramento de ano letivo nas edições da Folha do Oeste de 12/12/1937, 05/12/1938 e 23/11/1941. Foram observadas também reportagens sobre as festas do dia da independência. Encontramos artigos a respeito dos eventos festivos da semana da pátria dos anos de 1937, 1939, 1940 e 1941. Contudo, pelo levantamento realizado, de todos esses eventos, com certeza, os festejos do descobrimento do Brasil de 1941, por se somarem ao aniversário do presidente Getúlio Vargas, foram os mais significativos:

> Guarapuava no Aniversário do Presidente Vargas. Um rico mimo ao Dr. Getúlio. Guarapuava célula viva e palpitante da pátria jamais ficou indiferente as demonstrações de civismo do povo brasileiro. E é pois por tradição e reconhecimento aos inestimáveis serviços que o grande presidente Vargas vem prestando e há de prestar pelo Brasil, que se associa de alma e coração, para a alegria da pátria, com votos de vida longa para o bem da nação em seu aniversário natalício, que transcorre a 19 do corrente. Também a prefeitura confeccionou um cronograma comemorativo da data festiva, para o povo brasileiro com os seguintes números: As 9 horas da manhã reunião dos escolares, dos escoteiros e do povo na Praça João Pessoa (Matriz). As 9 e quinze desfile pelas principais ruas da cidade com concentração da praça 7 de setembro, onde será lançada a pedra fundamental da construção do novo Grupo Escolar, iniciativa do Sr. Interventor Manoel Ribas. Nessa ocasião discursarão o Sr. Pedro Firman Neto Promotor Público a Comarca e uma professora do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava. O Prefeito Dr. Mario Pimentel de Camargo inaugurará nesse dia 8 escolas primárias, creadas nos seguintes lugares: Boa Ventura do São roque, Morro Grande, Entre Rios, Invernadinha, Faxinal do Saltinho, Arvoredo Rio das Pedras e Cachoeira, neste município. E esse dia, disse o prefeito Dr. Mario Pimentel de Camargo, o presente que o Dr. Getúlio recebe com alegria, escolas para o povo, cujo destino ele dirige sábia e patrioticamente (FOLHA DO OESTE, 25/04/1941).

Nessa matéria não assinada – provavelmente redigida por Amarílio Rezende de Oliviera – de uma só vez a Folha do Oeste elogia o prefeito, o governador e o presidente. Foi noticiada a construção de 8 Escolas Isoladas em Guarapuava. Outro grande fato comemorado, foi o lançamento da pedra fundamental para a construção do novo prédio do Grupo Escolar – como mencionou o jornal de Lustosa, desafeto do governador – “iniciativa do Sr. Interventor Manoel Ribas”. Como problematizamos anteriormente, o velho prédio da antiga sede do grupo estava em péssimas condições estruturais, tanto que no ano seguinte seria demolido.

O último aspecto que a ser analisado acerca de como o GEVG era visto pela imprensa guarapuavana, é como os editais oficiais “ganharam corpo” na Folha do Oeste. Assim como nas edições do O Pharol da década de 1920, esses editais além de ganharem mais destaque, mudaram também as informações contidas neles.

Antes esses editais traziam as listagens completas dos alunos com os resultados dos exames, agora os nomes das crianças raramente eram divulgados. As informações passaram a ser mais sobre as matrículas e sobre o funcionamento do Grupo Escolar em si, e o funcionamento de cada modalidade de ensino e como era o acesso à instituição.

Vemos o destaque que cada jornal dava ao GEVG pelo espaço nas folhas impressas de cada um. Tanto o Correio do Oeste quanto A Cidade também cediam espaços em suas edições para os editais do GEVG, contudo como vimos, eram espaços menores. Percebeu-se nesses periódicos que Antonio Lustosa dava mais amplitude ao processo educativo e as notícias relacionadas ao GEVG, primeiramente no O Pharol, depois na Folha do Oeste. Analisando as imagens, vemos que os artigos sobre o GEVG no Correio e no jornal A Cidade, em geral, ocupavam no máximo ¼ de página, já nos jornais de Lustosa eram de 1/3, alguns chegando a meia página.

O que é possível inferir desse conjunto de menções educacionais e institucionais feitas ao GEVG pelos jornais guarapuavanos que circularam no período, é a construção de olhar analítico que passou a ver na educação um elemento fundamental à organização da sociedade. Desde questões prosaicas relacionadas ao imediato do cotidiano, passando pelo relato de eventos e atividades sediadas no GEVG; chegando à constatação de grandes problemas educacionais, salta aos olhos o fato da dimensão física, institucional e cultural do GEVG aglutinar olhares, fornecendo estofo e motivos para os guarapuavanos darem sentido a sua realidade, escrevendo e lendo reflexões sobre essa instituição.

Ultrapassa às dimensões deste trabalho avaliar as consequências de cada um desses posicionamentos, ou os fundamentos concretos para cada um dos elogios ou das críticas que foram publicadas. O que queremos é colocar em evidência a relevância não apenas da educação, mas do GEVG como um espaço privilegiado para refletirmos sobre a história educacional paranaense nesse período.

A julgar pela quantidade de indícios encontrados nos jornais, sinalizamos a importância desse tipo de fonte à pesquisa histórica educacional: por ser bastante colada aos grupos e classes sociais e intelectuais que sustentaram cada um dos veículos estudados, indubitavelmente, há que ser considerado que se tratam de menções muito carregadas da intencionalidade de seus proprietários e de seus redatores, muitos deles, docentes e dirigentes do GEVG. De qualquer modo, independentemente dessa intencionalidade, ao escreverem sobre GEVG da forma e com a frequência com que o fizeram, essa base empírica, conjugada à opção teórica com a qual operamos, permite-nos uma dupla observação: 1) que nos explícitos limites institucionais manifestos nas leis que deram existência aquele espaço de ação pedagógica por parte de diretores, professores e alunos, pode ser vista a materialidade contraditória de todo um conjunto ideológico típico do contexto mais amplo e que dava conta da importância da educação fornecida pelos grupos escolares para modernização da sociedade; 2) essa importância foi assumida e, de alguma forma, compreendida pela sociedade guarapuavana que, ao folhear os jornais circulantes, via como importante tomar contato com as notícias, as promessas e os problemas do mundo educacional, sobretudo, o mundo adstrito à instituição que estudamos.

Dito de outro modo, a realidade concreta do GEVG – pelo menos aquela cuja existência nos é possível circunscrever a partir dos dados encontrados – e a palavra escrita e lida nos jornais estudados explicitam que os redatores, ao lançarem olhares para o GEVG, buscavam ver sua própria sociedade e o papel que nela exerciam, a partir das concepções políticas e educacionais que abraçavam. Nessa busca, iam ao encontro de seus leitores, em uma relação mútua de fornecimento de sentido para as dúvidas geradas quanto ao passado, ao presente e ao futuro de Guarapuava, tomadas no período de 1912 a 1942. Em suma, podemos afirmar que pensar essa temporalidade foi assumida como incontornavelmente ligada um “templo da civilização” (SOUZA, 1998) que se erigiu no “Coração do Paraná” (RIBEIRO, 1929): o GEVG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Legado, segundo o Dicionário Aurélio (Edição de 2010) é:“algo transmitido ou adquirido, deixado como herança para um todo e não só pra um”, ou seja, é aquilo que é passado às gerações que se seguem. O legado do GEVG ao município é a sua história, sua tradição, seu pioneirismo e seu prestígio junto à sociedade guarapuavana:

> [...] ao analisarmos a história da educação guarapuavana durante a década de 1920, notamos a importância que o Grupo Visconde de Guarapuava teve para aqueles que pensavam e faziam a educação na cidade. Essa importância acontecia tanto para quem buscava enaltecer as conquistas educacionais, quanto para aqueles que observavam problemas a serem superados. (HEROLD, 2012, p.7)

Nessa pesquisa vimos que o GEVG representou para o município uma marca importante, um conceito, uma visão de educação e de mundo moderno a qual os guarapuavanos ansiavam. A cidade de Guarapuava tinha (e tem) nessa instituição um arquétipo de “escola modelo”, parâmetro para as demais instituições educativas do município. O GEVG demonstrou-se como parte fundamental entre os fatores que contribuíram para o desenvolvimento educacional, cultural, social e econômico de Guarapuava ao longo do século XX.

Nesse sentido propusemos este trabalho, que buscou reconstruir alguns dos caminhos e das lutas históricas e sociais que levaram o GEVG a essa condição. Fizemos isso considerando o pressuposto de que História da Educação está intrínseca e visceralmente ligada à história da sociedade. Não se compreende a história de uma sem entender como é a sociedade ao qual ela esta inserida. Por conta disso fomos buscar análises e fontes que reportam ao(s) Grupo(s) Escolar(s) e a estrutura social, cultural e econômica a qual ele(s) estava(m) inserido(s). Esse ato analítico buscou não desconsiderar que para a seleção como para a análise de fontes materiais e imateriais, implicam-se compreensões variadas sobre um mesmo objeto, o que obriga o pesquisador a ir além do que vê, do que ouve e do que lê.

O desafio que nos é colocado é o rompimento com a superficialidade do visível e imediato, é o aprofundamento do diálogo sugerido e implícito nas fontes, sobretudo, se considerarmos que a base empírica deste trabalho foram os jornais publicados na cidade de Guarapuava.

Estudando autores da literatura educacional como Saviani, Waldemarin, Hilsdorf, Souza, Schelbauer, Fernandez, Paiva, Ianni, Nóvoa entre outros procuramos compreender como foi o processo educativo e a sociedade brasileira na virada do século XIX para o XX.

Com o apoio desses referenciais mergulhamos no processo de criação do GEVG e da construção de um olhar atento, por parte dos guarapuavanos, no que diz respeito às atividades e ao que passou representar essa instituição na região centro-oeste do Paraná nas primeiras décadas do século XX: um lócus para a reflexão educacional do município, tanto em suas possibilidades e conquistas, quanto no apontamento de mazelas estruturais do mundo educacional. Contra essas mazelas, diferentes setores da sociedade lutaram, ofereceram diagnósticos e explicações. Essas reflexões circularam frequentemente nos semanários estudados, fornecendo dados e condições preciosas para investigarmos essa realidade educacional historicamente.

A percepção de ter alcançado os objetivos inicialmente propostos torna-se um pouco mais concreta quando percebemos que esse alcance suscita outras dúvidas: como se movimentaram essas visões sobre o GEVG nos períodos subsequentes de sua história? Como essa constante percepção de um legado do GEVG à Guarapuava impactou ou impacta o cotidiano da instituição em diferentes períodos de sua história? São duas questões, de muitas outras, com as quais os pesquisadores da história da educação paranaense poderão se ocupar em suas investigações.

Finalizamos concluindo que atingimos o objetivo central da pesquisa, que foi problematizar acerca da relevância do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava para a formação histórica da sociedade guarpuavana. Bem como, essa dissertação proporcinou novas perspectivas de pesquisas sobre a instituição, especialmente como se consolidou o seu legado enquanto “templo de civilização” nas décadas seguintes.

REFERÊNCIAS

A CIDADE. Guarapuava, 20/01/1935.

ALMANAQUE DOS MUNICÍPIOS. **Edição Comemorativa – Centenário da Independência; Instrução Pública em Guarapuava.** Corityba, 1922.

AURÉLIO. **Dicionário.** 18ª ed. São Paulo: Editora Fontes, 2010.

BARSA SABER. Disponível: **brasil.planetasaber.com** (acesso em 9/2/2015).

BASTOS, M. H. e FARIA FILHO, L. M. (orgs). **A Escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo**. Passo Fundo-RS: Ediupf, 1999, p. 177-196.

BELLOTTO, H. **As fronteiras da documentação**. Cadernos FUNDAP. São Paulo, v. 4, n. 8, p. 12-16, abr. 1984.

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento Econômico Brasileiro 1930-1964, O ciclo ideológico do desenvolvimento.** 4ª ed. Brasília: Editora Contra Ponto, 2007.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. Colecção das Leis do Imperio do Brazil de 1827** – parte primeira. Rio de Janeiro: Typographia Nacional 1878.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CARNEIRO & VARGAS, D. e T. **História biográfica da República no Paraná**. Curitiba, 1994.

CARR, E. H. **Que é História?** São Paulo:EditoraPaz e Terra, 2006**.**

CASTRO, E. A. **A arquitetura dos grupos escolares do Paraná na Primeira República.** Estudos RBEP, 2009.

CLEVE, J. C. **Cel. Luiz Daniel Cleve: Memória e História**. 2ª Ed. Curitiba: Editora Juruá, 2005.

CORREIO DO OESTE. Guarapuava, 01/06 /1930.
_____, 20/06/1930.
_____, 27/07/1930.

FAUSTO, B. **História Concisa do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FOLHA DO OESTE. Guarapuava, 29/12/1935.

_____, 15/11/1936.
_____, 12/12/1937.
_____, 14/03/1937.
_____, 21/03/1937.
_____, 04/07/1937.
_____, 05/12/1938.
_____, 16/02/1940.
_____, 23/11/1941.

FREIRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 51ª ed. Santos: Editora Global, 2006.

GAVA, E. **O Integralismo na região de Guarapuava/PR no diálogo com a história política.** AMPUH, Natal – RN, 2013.

GAMBOA, S. **Epistemologia Da Pesquisa Em Educação**. Campinas, 1998.

GONÇALVES, A. N. **Retrospectiva Histórica e Econômica do Paraná: Percurso para compreensão da implementação dos ideários das Políticas Sociais** *IN:* MACIEL & MESSIAS. Socializando Saberes em Educação; Paco Editorial, Jundiaí, 2013.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

GUARAPUAVA. **Acervo da Câmara Municipal, 1857:** Organizado em 2010.

_____. **Ata Prefeitura**. Guarapuava, 1913.

_____. **Caixa de Correspondências.** Guarapuava, 1909.

GRUBER, M. G. **200 anos de uma caminhada histórica: 1810-2010**. Midiograf, gráfica e editora: Londrina, 2010
_____. **A Igreja em Guarapuava.** Midiograf editora: Londrina, 2007.

HEROLD JR., C. **Escolarização e instituições educacionais em Guarapuava: lançando as bases para um programa de pesquisa em história da educação**. HISTEDBR, 2007.

HEROLD&VAZ, C. e A. F. **O Grupo Escolar Visconde De Guarapuava: Escotismo E Escolarização Das Atividades Corporais No Interior Do Paraná (1920-1930).** HISTEDBR, 2012.

HEROLD&VICENTIN, C. e S. A. **O Corpo da Docência – A mulher e a construção do ensino normal em Guarapuava (1930-1960).** Guarapuava: Editora Unicentro, 2012.

HILSDORF, Mª L. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1936
_____. **Do Império à República**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

IANNI, Otávio. **Origens agrárias do Estado brasileiro.**Brasília: Editora Brasiliense, 1994.

JORNAL, **A República.** Coritiba: Ed. Mensal, 18/10/1889.
_____, 15/07/1890.
_____, 18/03/1891.

JORNAL, **Livre Comércio Paraná.** Paranaguá: Ed. Semanal, 07/07/1883.

KRUGUER, N**. Guarapuava – Seu território, sua gente, seus caminhos e sua história**. Guarapuava: Fundação Santos Lima, 2007.

LE GOFF, J. **Documento/Monumento In: História e Memória**. 5º Ed. Trad. Bernardo Leitão et.al, Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.525-541.

MACIEL, M. **A história da Educação em Guarapuava no Século XIX**: Monografia Curso de História - CEDOC, Acervo Histórico UNICENTRO, 1989.

MANACORDA, M. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINEZ, C. P. **Relatório apresentado ao Exmo.Sr. Presidente do Estado Dr. Afonso Camargo.**Curityba: Typ. da Penitenciaria do Estado, 1924

NASCIMENTO, Mª I. M. **A Primeira escola de professores dos Campos Gerais – PR**. Campinas - SP, UNICAMP, 2004. Tese de Doutorado – Programa de Pós – Graduação. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, 2004.

NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do repertório português.** In: BASTOS, Maria Helena Câmara. CATANI, Denise Barbara. (Orgs.) Educação em revista: a imprensa e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.11-31

NUNES, C & CARVALHO, M.M.C. **Historiografia da educação e fontes**, ANPED, 1993.

NÓBREGA, P. **A Expansão da Escola Primária Republicana Paranaense em números: Quantidade X Qualidade (1900-1930)** Espaço Acadêmico, 2014.

O GUAYRA. Guarapuava, 02/10/1897.
_____, 15/02/1898.
_____, 05/03/1898.
_____, 21/07/1898.
_____, 19/03/1899.
_____, 09/11/1899.

OLIVA, A. R. **A Imprensa como Fonte.** Revista de História, 2011.

O PHAROL. Guarapuava, 28/08/1921.
_____, 15/02/1922.
_____, 01/10/1922.
_____, 04/03/1923.
_____, 26/02/1927.
_____, 04/03/1928.
_____, 29/11/1928.

PADILHA, L. M. de L. **Ideário Republicano no Campos Gerais: A criação do Grupo Escolar Jesuíno Marcondes (1907).** Dissertação de Mestrado; Programa de Pós Graduação em Educação UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010.

PAULILO, A. In: FARIA FILHO, L. M. (Org.). **Pesquisa em História da Educação: perspectivas de análise, objetos e fontes**. Belo Horizonte, 1999.

PARANÁ. Colégio Estadual Visconde De Guarapuava. **PPP** - **Projeto Político Pedagógico.** Guarapuava, 2012. *Online* Disponível em: http://www.grpvisconde.seed.pr.gov.br/redeescola. Acesso em 12/07/2014**.**

PARANÁ. **Mensagem ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná do Presidente Xavier da Silva**, em 1º de fevereiro de 1901. Curityba: 1901.

_____**Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier daSilva, Governador do Estado do Paraná, pelo Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva**, Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, em 31 de dezembro de 1902. Curityba: Typ. d'A Republica, 1903.

_____ **Relatorio da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrucção Publica e annexos ao Congresso Legislativo**, em 31 de dezembro de 1904. Curityba: Typ. d'A Republica, 1905.

_____**Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Vicente Machado de Lima, Presidente do Estado do Paraná**, por Francisco Gutierrez Beltrão, Secretario d'os Negócios de Obras Pública e Colonização. Curityba: Typografia d'A Republica, 1907.

_____**Relatório apresentado ao cidadão Dr. Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos**, **Secretario d'Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica,** pelo Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Director Geral da Instrucção Publica, em 31 de Dezembro de 1914. Coritiba: Typ. do Diário Official, 1915.

PRADO JR.,C. **Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista.** São Paulo, 1952
_____Formação do Brasil Contemporâneo, Editora: Brasiliense, 1964.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RIBEIRO, E. B. **O coração do Paraná: estudo sanitário**. São Paulo: São Paulo Editora, 1929

SAVIANI, D. **A História das Idéias Pedagógicas do Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SCHELBAUER, A. R. **Entre anúncios e artigos: registros do método de ensino intuitivo do jornal**. In: SCHELBAUER, Analete Regina. ARAUJO, Jose Carlos. (Org.). História da Educação pela Imprensa. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

_____. **O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX.** In: Maria Stephanou; Maria Helena Camara Bastos. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. 3ed.Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2010, v. 2, p. 132-149.

SHARAN, A. C. **A reconstrução Histórica do 1º Grupo Escolar dos Campos Gerais – PR: Vicente Machado 1904.** Ponta Grossa: Dissertação de Mestrado; Programa de Pós Graduação em Educação – UEPG, 2014.

SOUZA, R. F. de. **Lições da escola primária**. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

_____. **Espaço da educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil.** Fundação Editora da UNESP**,** São Paulo, 1997.

_____. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910**). São Paulo: UNESP, 1998

TEMBIL, M. T. **História, memória e imaginário: Guarapuava, uma cidade no processo de modernização (1950 - 2004).** 275f. 2004. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, Assis, 2004.

_____. **Em busca da cidade moderna: Guarapuava...Recompondo histórias, tecendo memórias.** Guarapuava: Editora UNICENTRO, 2007.

THOMPSON, E. P**. A voz do passado** – **História oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

TRIVINUS, A. N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, Editora Atlas S.A.1987

VALDEMARIN, V. T. **O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado**. Campinas: Autores Associados, 2007.

VARGAS, T. **A última viagem do barão do Serro Azul.** Curitiba, 1973.